



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE HISTORIA  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

**MARCIANE SILVA AMBROSIO BENÍCIO**

**CAMINHOS DA HISTÓRIA, NOS RASTROS DA MEMÓRIA:  
CULTURA E IDENTIDADE NA FESTA DAS ROSAS DE INGÁ**

**CAMPINA GRANDE-PB**

**2014**

**CAMINHOS DA HISTÓRIA, NOS RASTROS DA MEMÓRIA:  
CULTURA E IDENTIDADE NA FESTA DAS ROSAS DE INGÁ.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em História da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciado em História.

Orientador (a): Dr. Maria Lindaci Gomes de Souza.

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

B467c Benício, Marciane Silva Ambrósio  
Caminhos da história, nos rastros da memória [manuscrito] :  
cultura e identidade na festa das Rosas de Ingá / Marciane Silva  
Ambrosio Benício. - 2014.  
68 p. : il. color.

Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) -  
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2014.  
"Orientação: Profa. Ma. Maria Lindaci Gomes de Souza,  
Departamento de História".

1. Festa das Rosas 2. Festa Popular 3. Patrimônio Histórico  
4. Ingá - Paraíba I. Título.

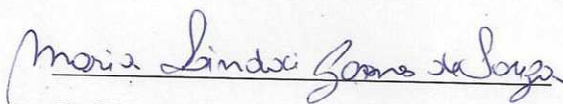
21. ed. CDD 306.48

**MARCIANE SILVA AMBROSIO BENÍCIO**

**CAMINHOS DA HISTÓRIA, NOS RASTROS DA MEMÓRIA:  
CULTURA E IDENTIDADE NA FESTA DAS ROSAS DE INGÁ.**

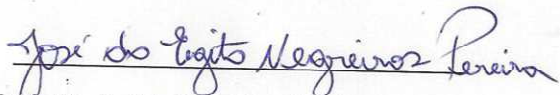
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação de História da  
Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau  
de Licenciado em História.

Aprovada em 02/12 /2014.



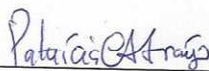
Profª Dr. Maria Lindaci Gomes de Souza – UEPB

(Orientador)



Prof. Ms. José do Egito Negreiros Pereira- UEPB

(1º Examinador)



Profª. Dr. Patrícia Cristina de Aragão Araújo - UEPB

(2º Examinadora)

## **DEDICATÓRIA**

A meu esposo, Edson Benício pelo carinho e atenção, a meu filho, Arthur pela paciência.

As festividades tiveram sempre um conteúdo essencial, um sentido profundo exprimiu sempre uma concepção do mundo. (BAKHTIN. 2010).

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, por estar comigo nos momentos mais difíceis, por ter me ajudado quando mais precisei, sem o qual eu nada disso seria possível.

A toda a minha família, meus pais, irmãos, a meu esposo Edson, que entendeu minhas ausências nas reuniões familiares, a meu amado filho Arthur, a minha sogra que cuidou do meu príncipe quando precisei ausentar-me, a todos que diretamente e indiretamente me proporcionaram a chegar até aqui.

A todos os meus queridos mestres, que marcaram minha vida muito mais do que pensam sendo um exemplo de vida e dedicação.

Em especial a minha orientadora Dr. Maria Lindaci Gomes de Souza, que me ensinou muito mais além da escrita, de conteúdos, é um exemplo de pessoa, de paixão pela profissão, mostrando que é possível melhorar.

Enfim, a todos os colegas de turma, que estiveram comigo ao longo desta caminhada e que contribuíram positivamente para que eu chegasse neste momento tão grandioso. Em especial a minhas colegas, Ana Carolina e Geilza Santos, Grandes pessoas que tive a honra de conhecer e de construir uma amizade pura e verdadeira, agradeço aos entrevistados, moradores da cidade e Ingá, que me concederam as entrevistas.

A todos estes a minha eterna gratidão.

## **RESUMO:**

A Festa das Rosas se constitui em uma tradição no que diz respeito à cultura, como também em uma manifestação que faz parte da história e do patrimônio da cidade do Ingá. Destacamos que a grande importância em desenvolver esta temática, deve-se ao fato da inexistência de registros na historiografia local e regional em relação a este evento. Desta forma, nosso trabalho tem como objetivo principal identificar que circunstâncias foram determinantes para que a Festa das Rosas fosse reconhecida como sendo uma tradição e um patrimônio da cidade, como também, analisar que fatores causaram mudanças significativas neste evento, visa ainda, destacar os aspectos culturais as rupturas e permanências existente na Festa das Rosas de Ingá. Enfatizando que as festas são lugares de memória, quer seja, na perspectiva individual ou coletiva. Neste sentido, nos apropriamos da memória de alguns dos moradores da cidade do Ingá, que participaram da festa para fundamentar nosso trabalho. Como aporte teóricos nós utilizamos HALBAWACHS (1968) trabalhando com a memória coletiva, BAKHTIN (2010), mostrando a festa como uma manifestação cultural da cultura popular, ANA FANI (2007), enfatizando a origem das cidades, PESAVENTO (2008), que faz da cidade mais que um locus, um verdadeiro personagem, ALBERTI, ( 2005). MEIHY (2007), Alberti contribui com a história Oral do ponto de vista teórico, e Meihy aponta os aspectos metodológicos no que tange a prática e utilização da oralidade durante a entrevista. Desta forma, destacamos que as festas têm como característica primordial promover alegria, divertimento, além de subsidiar o desenvolvimento econômico, social e cultural na cidade, favorecendo a preservação de hábitos culturais e sociais.

**PALAVRAS CHAVES:** Festas Das Rosas, Memória e Patrimônio.



## ABSTRACT

The Feast of Roses constitutes a tradition in regards to culture, but also in part a manifestation of the history and heritage of the city of Inga. Destacand the importance of developing this theme, due to the fact of lack of records in local and regional historiography regarding this event. Thus, the study addressed aims to identify which conditions were crucial for the Feast of Roses was recognized as a tradition and heritage of the city, but also analyze what factors have caused significant changes in this event aims to highlight the cultural aspects and existing breaks in the Feast of Roses Inga stays. Emphasizing that parties are a place of memory, either in individual or collective perspective, in this sense, appropriated the memory of some of the residents who attended the party to support our work. As a theoretical contribution we use Halbwachs (1968) working with the collective memory, Bakhtin (2010) showing the party as a cultural manifestation of popular culture, Ana Fani (2007), emphasizing the origin of cities, Verena Alberti (2005). Meihy (2007), Alberti contributes to oral history from a theoretical perspective, and points Meihy methodological issues regarding the practice and use of oral language during the interview. Thus we emphasize that the parties have as a primary feature to promote joy, fun, and support the economic, social and cultural development in the city, favoring the preservation of cultural and social habits.

**KEYWORDS:** Feast Of Roses, Memory and Heritage.

## LISTA DE ILUSTRAÇÃO

FOTO 1: Vista Aérea do Município de Ingá.....	32
FOTO 2: Mapa mostrando a localização do município de Ingá .....	32
FOTO 3: Planta que deu origem ao nome da cidade.....	34
FOTO 4: Pedra Itacoatiara.....	38
FOTO 5: Inscrições rupestres na Itacoatiara de Ingá.....	38
FOTO 6: Casal dançando na festas das Rosas.....	46
FOTO 7: Casal na recepção do Clube A União Cultural Ingaense.....	48
FOTO 8: Prefeitos e Secretários na atual Festas das Rosas.....	48
FOTO 9: Criadora da festa das Rosas, Maria de Jesus .....	52
FOTO 10: Vestimenta para Festas das Rosas.....	53
FOTO 11: Jovens na Festa das Rosas atualmente.....	55
FOTO 12: Familiares em Frente ao Clube União cultural Ingaense.....	55

## SUMÁRIO

Introdução.....	11
CAPITULO I. Novas Abordagens e a História Cultural: As Festas como Objeto Histórico.....	18
I.I. Crise de Paradigmas e a Nova História Cultural.....	19
I.II. Breves Considerações entre Festas Religiosas e Festas Populares na História.....	23
CAPITULO II: A Cidade do Ingá como Objeto Cultural.....	28
II.I. A Cidade como Objeto de Análise da História.....	29
II.II. A Cidade do Ingá e seu Contexto Histórico.....	32
II. III. A Cidade de Ingá e seu Patrimônio Cultural.....	35
CAPITULO III. As Festas das Rosas: Memória e Identidade na cidade do Ingá.....	41
III.I.A Permanência e Lembrança da Festas das Rosas: Memória Coletiva e Individual de seus Moradores.....	42
III.II. A Festas das Rosas e o Clube a União Cultural Ingaense.....	47
III.III. Memória Social e Identidade: Sociabilidades e Mudanças na Festas das Rosas em Ingá.....	56
Considerações Finais.....	61
Apêndice.....	63
Referências.....	65

## INTRODUÇÃO

Na contemporaneidade vem se destacando temáticas que envolve questões referentes a festas populares, no entanto, é preciso salientar, que apesar desse tema ter sido melhor analisados por estudiosos, vale destacar que existe um verdadeiro hiato, isto é, uma lacuna em relação as festas populares, especificamente no município de Ingá, levando em consideração a relação existente entre a cultura popular, tradição e a memória. Tendo em vista que, as manifestações, que se refere à cultura popular, além de arte ela serve também como uma forma de valorização ao nosso patrimônio cultural, pois, as mesmas aborda os vários aspectos relacionados a cultura de um determinado local.

“o termo “cultura” muito amplamente, para referir-se a quase tudo o que pode ser aprendido em uma dada sociedade, como comer, beber, andar, falar, silenciar e assim por diante. Em outras palavras a história da cultura inclui agora a história das ações ou noções subjacentes à vida cotidiana. O que costumava considerar garantido, óbvio, normal ou “senso comum”, agora é visto como algo que varia de sociedade a sociedade e muda de um século a outro, que é construído socialmente e portanto, requer explicação e interpretação social e histórica”. (BURKE. 2010. P, 23)

Segundo Peter Burke, (2010), a cultura é um sistema de limites muito indefinido, o termo que varia em suas essências e seus costumes, na prática a cultura de um povo esta centrado em uma serie de objetos, como nas danças, nos cantos, nas festas em fim, em uma variedade de práticas.

Sendo a festa um movimento presente desde os momentos mais remotos da civilização, a mesma estaria associada em seu primeiro momento aos ritos de saudação à divindades, como por exemplo durante a colheita ou mesmo às cerimônias fúnebres muito comum na época. O mundo do religioso judaico-cristão sempre separou o sagrado do profano, ficando a festa na esfera do segundo. Nessa condição, a festa irá dominar diferentes fases da vida desde o nascimento, casamentos até outros ritos de passagem de nossas vidas. E com o passar dos anos a festa irá reduzir à dimensão do lazer impulsionada pela a ação do capitalismo e do consumo.

Sob o regime feudal existente desde a Idade Média, esse caráter de festa, isto é, a relação da festa com os fins superiores da existência humana, a ressurreição e a renovação, só podia alcançar sua plenitude e sua pureza, sem distorções, no carnaval e em outras festas populares e públicas. Nessa circunstância a festa convertia-se na forma de que se revestia a segunda vida do povo, a qual penetra temporariamente no reino utópico da universalidade, liberdade e abundância. (BAKTHIN. 2010. P. 08).

Neste sentido falar em festa seria associa-la a cultura, pois, sua prática e sua realização se configurariam como expressão simbólica que envolve os mais variados grupos sociais, por isso, as festas são de fundamental importância para a compreensão da estruturação de uma sociedade, visto que as mesmas expressariam o inconsciente individual e coletivo de um grupo.

A tradição festiva iniciou-se, ainda na Idade Média, com a celebração pagã, quando as pessoas se reuniam para pedir por fartura nas colheitas. Hoje a festa é considerada uma das mais típicas manifestações culturais do Brasil, ela nasceu da mistura entre índios, negros e europeus e vem se destacando cada vez mais, graças a multiplicidade em conseguir envolver as mais variadas e múltiplas expressões culturais de um povo.

Sendo importante destacar que as práticas festivas induzem uma nova forma de ver e pensar sobre a festa, na qual vai se associar a ideia de gozo, de alegria, extravasamento individual e social, de desfrute de um evento planejado e principalmente de um produto de mercado.

No entanto, é pertinente salientar que ao analisar as festas em um contexto histórico, podemos perceber que a mesma, tem uma relação com o tempo seja, o tempo cósmico, biológico ou histórico. No entanto, as festas em suas fases históricas elas ligam-se a determinados períodos marcantes na vida de cada ser humano, como por exemplo, em alternâncias, na renovação, no nascimento, nas vitórias, em fim, elas marcam momentos da vida do homem que exprimem todo o seu poderio, riqueza e poder.

Neste sentido, o objetivo deste trabalho é identificar que circunstâncias foram determinantes para que a Festa das Rosas fosse reconhecida como sendo uma tradição e um patrimônio da cidade, buscando analisar através da festa, que fatores causaram mudanças significativas neste evento, como também, destacar nos aspectos culturais as rupturas e permanências existentes na Festa das Rosas de Ingá.

Sendo importante destacar, que este trabalho surgiu de inquietações acerca da Festa das Rosas que ocorre anualmente no município de Ingá. Onde buscamos entender como uma festa tão tradicional, elitizada tornou-se tão popular, em tão pouco tempo, chegando ao ponto de que, alguns setores da sociedade Ingaense não se identificam com essa festividade e saem de cena.

Seguindo esse viés, buscaremos analisar estas mudanças a partir das memórias de idosos, participantes e membros do Clube (A União Cultural Ingaense) que compartilharam daquele momento festivo na cidade do Ingá. Visto que, “na idade média venerava os velhos, sobretudo porque via neles homens-memória, prestigiosos e uteis” (Le Goff. 2003. P, 444). Além do mais, as lembranças constitui-se a sobrevivência do passado.

Portanto, problematizar os elementos que modificaram os padrões da festa, levando em consideração o recorte temporal, e o período que se compreende entre 1960- 2014, destacando as mudanças que aconteceram no Brasil e no mundo ao longo destas décadas, que de certa forma influenciaram também no cenário mencionado. Como a busca por liberdade, por poder, o enriquecimento fácil, a modernização, os avanços tecnológicos em fim, tudo acabou contribuindo para o homem querer avançar em suas conquistas. Visto que, desde sua fundação a Festas Das Rosas passou por varias mudanças tanto em seu publico alvo, nos aspectos culturais e principalmente no fator econômico e buscar entender essas mudanças é nosso objetivo.

Desta forma, teremos como alicerce os relatos orais, no qual se busca compreender, como o fator econômico contribuiu para a segregação dos sócios e a dissolução e realização da festa das Rosas no (Clube a União Cultural Ingaense), que acabou resultando na construção de uma nova percepção da festa em meios aos novos acontecimentos.

Do ponto de vista teórico-metodológico, nosso trabalho se encontra estruturado na dimensão da história sociocultural, nossa perspectiva de abordagem é a história Oral. Tendo em vista, que a mesma pode ser entendida como uma forma de fazer história. Ela pode ainda ser articulada a outros métodos de pesquisa que o historiador pode utilizar para desenvolver seus trabalhos, vendo dessa forma, a história oral, possibilita a interpretação e o resgate a partir da história vivida. E ainda fornece meios que coloca o pesquisador em contato com outras áreas do conhecimento, como a antropologia, arqueologia, sociologia, entre outros.

Segundo Alberti, “a história oral esta evidentemente relacionada ao fato de permitir o reconhecimento de experiências e modos de vida de diferentes grupos sociais” (2005. P-166).

Partindo desse ponto, podemos destacar a importância da história oral em construir determinada parte da história que estava esquecida ou que foram silenciadas e só ganhou visibilidade a partir do surgimento da história oral, que segundo Alberti,

“Costuma considerar 1948 o marco do início da história oral “moderna” quando foi inventado o gravador de fita, formou-se a Columbia University Oral History Research Office, programa de história oral da Universidade da Columbia fundada por Allan Nevins e Louis Starr em Nova York.” (Idem, 2005. P-156).

Segundo Alberti, o principal objetivo era produzir material que servisse para ser utilizado pelas gerações futuras, visto que, a história oral pode auxiliar o historiador a reconstruir fatos, trajetórias a partir da história de vida de determinado indivíduo ou de um grupo.

Existe algumas imprecisões no que diz respeito a origem da história oral, pois de acordo com Rosa (2007) “a moderna história oral surgiu na década de 40, após a Segunda Guerra Mundial, com os sociólogos da escola de Chicago que acabam se delineando” ( p-2) a primeira por construir a história de cima das elites políticas e outras registrando a história dos excluídos (a história vista de baixo).

Na Itália, a origem da história oral se dá a partir do estudo de guerrilheiros ante fascistas durante a guerra. Na Holanda ela surge pela a necessidade de se registrar o fascismo. No Brasil a história oral ocorre de forma mais expressiva a partir de 1975, com o CPDOC, “Centro de Pesquisa e Documentação da História Contemporânea” com o objetivo de analisar a década de 30 com o auxílio de testemunho da elite política brasileira.

Salientando que serão utilizados nesse trabalho como aporte teórico-metodológico, HALBWACHS (1968) trabalhando com a memória coletiva, BAKHTIN (2010), mostrando a festa como uma manifestação da cultura popular, ANA FANI (2007) enfatizando a origem das cidades, PESAVENTO (2008), que faz da cidade mais que um locus, um verdadeiro

personagem, ALBERTI (2005), contribuindo com a História Oral do ponto de vista teórico e MEIHY (2007), apontando os aspectos metodológicos no que tange a prática e utilização da oralidade durante a entrevista.

Tendo como base o discurso acerca da História Oral, pois, é fundamental mencionar sua importância neste trabalho, tendo em vista que, “entrevista” em história oral é a manifestação do que se convencionou a chamar de documento oral, ou seja, é o suporte material derivado de linguagem verbal expressa para esse fim (MEIHY. 2007. p. 14).

Neste viés, a História Oral pode ser pensada não apenas como um simples instrumento que fornece informações sobre fatos ocorridos em um passado distante, mas como uma forma de adquirir e conhecer as subjetividades dos narradores, ou seja, ela se apresenta como uma forma de fazer história, possibilitando o resgate de diferentes visões e interpretações acerca da história vivida. “A história oral permite o registro de testemunhos e o acesso a “histórias dentro da história e, desta forma ampliar as possibilidades de interpretação do passado” (ALBERTI. 2005. P. 155)

Por isso, a utilização da história oral através das entrevistas é importantíssima para o desenvolvimento deste trabalho, pois, o mesmo busca resgatar a partir de registros orais o que foi silenciado pela a história. Dando aos mesmas oportunidades de serem ouvidos, sendo assim, as entrevistas é a base nossa pesquisa.

“ a entrevista de história oral é sempre um processo ideológico, isto é, que demanda a existência de pelo menos duas pessoas em diálogo, porém, não se nota de uma conversa e sim uma relação programada, atenta as gravações. Assim, os contatos humanos premeditados, se colocam como imprescindíveis, na elaboração da história oral (MEIHY. 2005. p-19)

Nesta perspectiva a História Oral torna-se a base deste trabalho, pois a mesma busca analisar, debater e confrontar as memórias que giram em torno desta temática, sendo importante mencionar que, não nos deteremos apenas em entrevistar pessoas (idosas) que



participaram desta festa mais também os sócios atuais, que participavam efetivamente, do evento.

Na tentativa de entender como os indivíduos se utilizaram de valores econômicos para modificar os padrões da festa, recorreremos ao conceito de memória coletiva de Maurice Halbwachs “A memória coletiva tira sua força e sua duração do fato de ter por suporte um conjunto de homens, não obstante, eles são indivíduos que se lembram, enquanto membros do grupo” (HALBWACHS, 1990, P.51).

Nosso trabalho está organizado em três capítulos. O primeiro é intitulado, **(Novas abordagens e a História Cultural: A Festa como Objeto Histórico)**, tendo por intuito discutir acerca da história cultural, na perspectiva da história oral, tendo em vista que a história oral nos possibilita entender como pessoas e grupos vivenciaram determinadas épocas do passado, levando em consideração a festa e suas tradições.

Para fundamentar este discurso utilizaremos, Mikhail Bakhtin (A Cultura Popular Idade Média e no Renascimento e (Elizabeth Cristina de Andrade Lima, em seu livro, A fábrica de sonhos e a Invenção da festa junina no espaço urbano), onde ambos mostra a importância do espetáculo festivo e suas contribuições na construção da história.

Em nosso segundo capítulo: **(A Cidade do Ingá Como objeto Cultural)**, utilizaremos Ana Fani, et. al. e Sandra Pesavento para apontar como se constituiu a cidade em sua fase inicial, seu percurso histórico, suas transformações e ressignificações ao longo da história.

No terceiro capítulo, **(A Festa das Rosas: Memória e Identidade na Cidade do Ingá)**, onde discutiremos acerca da Festa das Rosas no município de Ingá, através das entrevistas realizadas com pessoas que participaram e vivenciaram o evento. Fazendo uso das memórias dos moradores, resgatando a história local e seus protagonistas, dando ênfase a essas vozes que até então estavam silenciadas.

Destacando aspectos significativos da memória para Halbwachs “memória coletiva e individual” e de identidade em Tomaz Tadeu e Stuart Hall, resgatando através da memória de alguns dos moradores o passado, pois, memória, aparece como uma força, ativa, latente, ela traz, à tona a lembrança de momentos únicos, ocultos, e que referisse, a uma situação individualizada singular na vida de qualquer ser humano, desta forma, através da memória de alguns frequentadores da festa que subsidiamos nossa pesquisa.

CAPITULO I: NOVAS ABORDAGENS E A HISTÓRIA CULTURAL:  
AS FESTAS COMO OBJETO HISTÓRICO.

## I.I. CRISE DE PARADIGMAS E A NOVA HISTÓRIA CULTURAL.

No século XX surge uma nova forma de ver e escrever a história marcando um importante avanço na história, principalmente por possuir um caráter mais inovador e significativo que se originou na França, conhecida como a revista dos Annales criada em 1929, fundada por um pequeno grupo onde os membros mais conhecidos são “Lucien Febvre, Marc Bloch, Fernand Braudel, Georges Duby, Jacques Le Goff e Emmanuel Le Roy Ladurie” (BURKE. 2010. p-12).

A revista dos Annales<sup>1</sup> foi criada com o objetivo de promover uma nova forma de escrever a história. Uma história mais dinâmica e inovadora é dividida em três fases. Como bem salienta Peter Burke,

“Em sua primeira fase, de 1929 a 1945, caracterizou-se por um pequeno grupo, radical e subversivo, conduzindo uma guerra de guerrilhas contra a história dos eventos. Depois da segunda guerra mundial, os rebeldes apoderaram-se do *establishment* histórico. Essa segunda fase do movimento, que mais se aproxima verdadeiramente de uma “escola”, com conceitos diferentes (particularmente estrutura e conjuntura) e novos métodos (especialmente a história serial das mudanças na longa duração), foi denominada pela presença de Fernand Braudel. Uma terceira fase inicia por volta de 1968. É profundamente marcada pela fragmentação. A influência do movimento, especialmente na França, já era tão grande que perdera muito das especificidades anteriores. Era uma “escola” unificada apenas aos olhos de seus admiradores externos e seus críticos domésticos, que preservavam em reprovar-lhe a pouca importância atribuída à política e à história dos eventos”. (2010 p- 13).

Desta forma podemos perceber mudanças significativas na maneira de produzir a história e tudo isso passa a ocorrer após a aglutinação de alguns historiadores franceses em torno da revista dos Annales a qual possibilitou aos historiadores a uma nova forma de ver e escrever a história, não produzindo apenas uma história de acontecimentos políticos

---

<sup>1</sup> A escola dos Annales é um movimento historiográfico que se constitui na França, tendo se destacado por incorporar métodos das Ciências Sociais à História. Fundada por Lucien Febvre e Marc Bloch em 1929, propunha-se a ir além da visão positivista da história, onde buscava substituir o tempo de pequena duração para um de longa duração, tendo como objetivo tornar visível as mentalidades. A escola dos Annales também reformulou e renovou o quadro das pesquisas históricas abrindo meios que transformasse e inovasse o campo de estudo da História, rompendo com as Ciências Sociais, a Sociologia, a Psicologia, a Economia entre outros.

biográficos de uma dada elite, mas interessando-se pela vida econômica, social, mental, cotidiana.

O grupo dos Annales demonstrou uma grande preocupação com a inovação desde sua fundação em 29, e isso se intensificou ainda mais em sua terceira fase no final da década de 1980, sendo importante destacar que a terceira geração “no interior do grupo Annales, alguns historiadores sempre estiveram envolvidos prioritariamente com os fenômenos culturais” (BURKE. 2010. P.94)

Desta forma, vale destacar que é na terceira geração de 1968-1980 que se estabelece o marco inicial da Nova História na década de 1970, quando “Jacques Le Goff e François Furet passam a responder pela École Deshquites études em Sciences Sociales, nessa fase ao contrário das anteriores, não há o predomínio de alguém, enquanto historiador ou de alguma vertente sobre os demais” (FAGUNDES, 2006. P-74).

Vale lembrar que é durante a terceira geração dos Annales a qual é conduzida por Jacques Le Goff, que passou a ser conhecida como a "Nova História", pois para ele toda atividade humana pode ser considerada histórica.

A Nova História é principalmente marcada por duas publicações, a primeira intitulada “*Fazer história*” dirigida por Jacques Le Goff e Pierre Nora. Publica em 1974 e a segunda obra que marcou os Annales foi “A Nova História” publicada em 1978, também dirigida por Le Goff, Roger Chartier e Jacques Revel, a obra é importantíssima, pois, orienta como a história pode se tornar uma história nova.

Uma das grandes inovações desta terceira geração é poder problematizar os fatos, enfatizando a grande diversidade existente em cada abordagem, sendo importante salientar que surge na França em 1920, uma nova forma de se trabalhar e pensar a história, identificada como a História das Mentalidades<sup>2</sup>, sendo que diferente da história cultural ela ocupa um lugar marginalizado, principalmente durante a segunda geração dos Annales.

---

<sup>2</sup> A História das mentalidades é uma modalidade historiográfica que busca destacar os modos de vida de certas comunidades, populações enfatizando os modos de pensar, e de sentir dos indivíduos de uma mesma época. Ou seja, é uma história centrada nas visões de mundo, onde busca-se compreender as representações oriundas de um determinado grupo ou indivíduo.

Essa nova forma de interpretar os fatos começa a mudar nas décadas de 1960 e 1970, quando os historiadores começam a se preocupar não mais com a base econômica e política, mas, se concentrar na instância cultural.

A história das mentalidades é também o lugar de encontro de exigências opostas que a dinâmica própria á pesquisa histórica atual força o diálogo. “Situa-se no ponto de junção do indivíduo e coletivo, ao longo do tempo e do cotidiano, do inconsciente e do intencional, do estrutural e do conjuntural, do marginal e do geral”. (Le Goff, 1988. P.71)

Por isso, o interesse dos intelectuais é historiadores por esta corrente, a qual possibilita analisar não apenas a base econômica e política, mais as mais variadas manifestações culturais, destacando o cotidiano e suas representações. No entanto inúmeras críticas vão surgir contra a história das mentalidades a qual vai se tornar em seu interior multi-fraguimentada com relação ao seu objeto de estudo.

Como mostra Vainfas, “a chamada histórica das mentalidades<sup>3</sup> abriu-se de tal modo a outros saberes e questionamentos que, no limite, pôs em risco a própria legitimidade da disciplina” (2002. P.55). Mais, devido a diversas críticas, os historiadores das mentalidades apoia-se na chamada nova história cultural, que segundo Pesavento;

“Por vezes, se utiliza a experiência Nova história cultural, para lembrar que antes teria havido uma velha, antiga ou tradicional história cultural. Foram deixados de lado concepções de viés marxista, que entendiam a cultura como inteligente da superestrutura, como mero reflexo da infraestrutura, ou mesmo da cultura como manifesto superior do espírito humano e portanto, como domínio de elites também foram deixados para trás concepções que opunham a cultura erudita a cultura popular está ingenuamente concebida como reduto do autêntico. Longe vão também os assertivos herdeiros de uma concepção de belle époque, que entendia a literatura por extensão a altura como o sorriso da sociedade, como produção para o deleite e a pura fricção do evento”. (2005. p-14-15)

A história na década de 1970 possibilitou um grande impulso abrindo um leque de inovação para a historiografia e historiadores que passaram a escrever e pensar a história a partir de outras perspectivas, interpretar a cultura popular com outros olhos.

A história cultural não se preocupa diretamente com a história oficial, mas com a popular, com as tradições, as relações familiares, a arte e religião. Pois ela busca quebrar com

---

<sup>3</sup> Ver o livro (História e História Cultural), Sandra Jatahy, Pesavento, Capítulo II, “Precursores e Redescoberta: A Arqueologia da História Cultural”.

alguns paradigmas dos positivistas e tradicionais e contribuir abrindo caminhos que possibilitasse estudar os anônimos da história, com seus modos de viver, de pensar, de sentir e de agir.

A partir, principalmente da década de 70, essas discussões possibilitou um grande impulso, abrindo um leque de inovação para a historiografia e historiadores que passaram a escrever e pensar a história a partir de outras perspectivas, interpretar a cultura popular com outros olhos.

“... Uma história problematizadora do social, preocupada com os nossos anônimos, seus modos de viver, sentir e pensar. Uma história com estrutura em movimento, com grande ênfase no mundo das condições de vida material, embora sem qualquer reconhecimento da determinância do econômico, da totalidade social, á diferença da concepção marxista da história. Uma história não preocupa com apologia de príncipes ou generais em feitos singulares, senão com a sociedade global, e com a sociedade global e com a reconstrução dos fatos em series possíveis de compreensão e explicação” (VAINFAS. 2002. P. 17)

Toda essa revolução na historiografia acelerou as discussões divergentes na nova forma de escrever e ver a escrita da história, abrindo brechas para o desenvolvimento de novos temas, como por exemplo, festas populares.

O estudo visto, a partir destas novas abordagens vão ser objetos de estudo para o historiador, aproximando-o cada vez mais de outras áreas do conhecimento, o que na perspectiva tradicional, isso era algo improvável. O estudo desses novos aspectos (objetos) sobre a vida humana passa a ganhar grandes dimensões dentro da perspectiva cultural.

Salientando que ao fazer referência à Nova História Cultural, isso significa ver e pensar a questão cultural de forma diferente da do viés marxista que concebia a história partindo do pensamento tradicional e linear

Mediante a este novo modo de escrever a história, com uma nova possibilidade de investigação histórica surge, iniciando um cenário de mudanças epistemológicas que acompanharam a emergência da nova história cultural. Estamos nos referindo a origem da história oral, onde é nela que os diversos historiadores da nova história buscam realizar suas pesquisas, como mostra por exemplo, Verena Alberti. “A história Oral é hoje um caminho interessante para se escolher e registrar múltiplas possibilidades que manifestam e dão sentido a formas de vida e escolhas de diferentes grupos”. (2005. P. 164).

A historiadora a qual nos referimos para elencar a discussão acerca da Festa das Rosas no município de Ingá, numa perspectiva de abordagem histórica, visto que, ao trabalhar as festas das Rosas na cidade de Ingá, entrelaçada ao cultural buscando trazer a tona algumas discursões acerca deste evento, principalmente com a participação de pessoas que viveram esta festividade, compreendendo a contribuição que ela deixou para a história da cidade de Ingá, como bem destaca Verena Alberti; “a cidade representa o que se poderia chamar de campo de pesquisa e discursão” (Idem, 2008. P-77)

Tendo em vista, que a cidade é um objeto amplo em termos de pesquisa e discurso, ela revela um campo de investigação e se apresenta de forma expressiva no âmbito da história cultural, pois é a partir dos acontecimentos ocorridos em seus espaços que podemos perceber e compreender como se teceu a história local daquela população, em fim das classes que se encontra presente naquele local. Com o auxílio da história oral, a qual é considerada como uma alternativa para estudar e compreender a sociedade através de uma documentação feita por meio de entrevistas gravadas transformadas em textos escritos, ela nos possibilita uma análise mais profunda dos fatos por isso sua utilização é tão importante neste trabalho.

## I.II. BREVES CONSIDERAÇÕES ENTRE FESTAS RELIGIOSAS E FESTAS POPULARES NA HISTÓRIA.

[...] a Festa é isenta de todo sentido utilitário (é um repouso, uma trégua, etc.). É a Festa que, libertando de todo utilitarismo, de toda finalidade prática, fornece o meio de entrar temporariamente no universo utópico. É preciso não reduzir a Festa a um conteúdo determinado e limitado (por exemplo, à celebração de um acontecimento histórico), pois na realidade ela transgrediu automaticamente esses limites. É preciso também não arrancar a Festa à vida do corpo, da terra, da natureza, do cosmos (BAKHTIN, 2002, p. 241).

Segundo Bakhtin, a festa é uma espécie de libertação do cotidiano, do tradicionalismo e permite-nos debruçarmos sobre uma grande diversidade de manifestações culturais. Além do mais, muitas vezes a festa representa uma utopia fora da realidade cotidiana, permitindo ao indivíduo vivenciar momentos únicos.

As festas estão presentes desde início da história da humanidade, no mundo romano as festas preservava a memória e os ritos de alguns povos primitivos, muitas festas romanas servia de cenário para a exibição da imagem do soberano, mostrando sua grandeza. Já nas culturas mais tradicionais, como na agrícola e na religiosa, as construções de templos e igrejas nas cidades, traz o evento festivo para dentro da cidade. Uma das primeiras festas a surgir como fruto da cidade é o carnaval.

Sendo importante salientar que a origem do carnaval ainda é muito imprecisa pelos os historiadores, muito embora, pesquisadores acreditam que, a origem do carnaval venha do império Romano, no período em que se celebravam as festas Saturnais<sup>4</sup>

---

<sup>4</sup> Festas saturnais ou *Saturnaliae* eram celebrações em homenagem ao deus Saturno, que era um dos deuses mais venerados pelos antigos romanos. Suas festividades, que duravam sete dias, e ocorriam no final de dezembro, eram umas das mais populares. Ele era considerado “o Deus da origem primeira, o Deus da Idade do Ouro, da idade áurea”. De acordo com a mitologia relatada pelas fontes latinas Saturno, teria chegado pelo mar à região do Lazio, onde futuramente seria fundada Roma, sendo recebido por Jano, que difundiu seus conhecimentos sobre as artes, as leis, o uso da moeda, e especialmente sobre a cultura da terra, o que possibilitara que os antigos atingissem o estado de civilidade, dando início à Idade do Ouro – época na qual se vivia em paz, trabalhando, sem guerras ou conflitos sociais. Uma vez que Saturno teria ensinado os homens a cultivar a terra era sempre representado carregando uma pequena foice, e identificado como aquele que cultivava e podava a vinha. Sua festividade marcava o fim do ano agrário e religioso, e talvez por isso fossem comemoradas com uma exaltação além do normal. Além disso, as *Saturnaliae* marcavam, com seus rituais, a passagem do Ano Velho para o ano Novo, era um momento de confraternização, de bom augúrio para as colheitas e para o ano que estava por começar. Este era um período de muita esperança e expectativas não só devido ao novo ano que estava para ter início, mas porque o solstício de inverno era o dia em que o sol começava a ficar novamente mais quente, marcando o princípio do fim do inverno. Ver, “Revista Alétheia de Estudos sobre Antiguidade e Medievo - Volume 2/2, Agosto a Dezembro de 2010. ISSN: 1983-2087”



O carnaval ainda pode ser considerado “uma herança de várias comemorações realizadas na Antiguidade por povos como os egípcios, hebreus, gregos e romanos. Esses festejos pagãos serviam para celebrar grandes colheitas e principalmente louvar divindades” (SANTOS. 2010. P. 11). É provável que destas festas tenham se originado das praticas festivas em todas as civilizações do mundo.

Tendo em vista, que a maioria das expressões culturais tradicionais que são realizadas dentro de uma perspectiva de reprodução simbólica que envolve as práticas,

às vivências compartilhadas de um determinado grupo ou comunidade, geralmente são advindas de uma memória coletiva ou mesmo individual, por isso a importância de se debater a questão das festas, no tocante a Festas das Rosas na cidade do Ingá. Ainda segundo Santos;

“As festas podiam apresentar diferentes significados. Podiam ser uma reatualização do momento da criação do mundo, da fundação da cidade, da origem de um povo, ou estar relacionadas com a fertilidade da terra, os movimentos dos astros, e as mudanças climáticas relacionadas a estes. Durante as festividades, a comunidade comemora os acontecimentos principais de sua vida coletiva” (2010. P.09)

Com isso podemos observar que as festas mantem uma forte relação com o homem, tempo e o espaço. Além do mais, pode-se considerar que a festa é um fator social, é um ato que abrange o coletivo e que representa o momento de confraternização, celebração, de união. E como um evento coletivo, ela representa uma das ocasiões de intensas trocas de sentimentos e experiências, é um meio pelo qual se veiculam as crenças e os valores do grupo, constituindo-se num momento de afirmação da identidade de um povo, de uma comunidade, é fundamental na percepção de conscientização sobre o pertencimento a um determinado grupo social.

Partindo deste ponto, podemos observar que, a ocorrência da festa é percebida desde a antiguidade e ao longo dos anos ela vem se transformando, ganhando novas roupagens, como discorre Mary Del Priore “*as festas nasceram das formas de culto externo, tributado geralmente a uma divindade protetora das plantações realizadas em determinadas tempos e locais*” (2000. P. 13).

---

As festas em sua maioria eram mistas, contendo o seu lado sagrado e profano “*as festas estão ligadas ao círculo de vida, procurando representa-lo e através delas podemos demonstrar ou manifestar nossas crenças e sentimentos*” (ELEUTÉRIO 2012. P.20). Com isso podemos perceber que a festa sempre esteve marcada pelo o profano e o sagrado ambas ligados implicitamente ou não.

A festa em seu sentido sagrado é um momento de ritual de aglutinação em alguns casos, milhares de sujeitos em um mesmo espaço é um momento de devoção, de

fé, de entrega, momento em que o sujeito permite-lhe vivenciar um maior fervor de sua fé seja cristã, católica ou não.

No sentido mais profano da festa, isso implica dizer que na maioria das festividades religiosas voltadas para algum padroeiro, existia em seu interior, o lado sagrado e o profano. As festas “*possibilitam novos eventos dentro de um mesmo ciclo festivo e pode-se mostrar outros rituais dentro desse mesmo cenário* (ELEUTÉRIO. 2012. P.11). Geralmente o lado religioso da festa, era marcado por procissões, celebrações e devoção a algum santo, se destaca em alguns casos a exibição de atrações como bandas musicais proporcionando aos festeiros alegria e divertimento.

Partindo dai podemos elencar que ao longo do tempo com as interferências da religião, o campo festivo vem ganhando outros sentidos expressando também a existência de um discurso, político, religioso e simbólico, pois, o que era antes um evento onde prevalecia a alegria, a dança, o prazer, onde podiam se libertar cantando, comendo, jogando, a festa passa a ser utilizada também para a troca de informações de interesse pessoais e muitas vezes econômico privilegiando um determinado grupo social na maioria das vezes a elite.

Mais é importante salientar que mesmo a festa se caracterizando como um evento coletivo, de harmonia, é preciso que se materialize um sentimento de grupo de um produto somatório, mesmo que, em seu interior ocorra confrontos, como discorre, Andrade Lima.

“A ideia de harmonia, de união, são pré-requisitos básicos e imprescindíveis para o sucesso do evento. Contudo, ao contrário deste recurso, o conflito, o jogo de correlação de forças por prestígio e poder, preparam toda a construção e execução da festa. Entre os bastidores da festa, interesses diversos – econômicos, políticos, culturais etc – confrontam-se, opõem-se e geram constantes situações de disputas”. (2008. p.57).

E este discurso era muito utilizado durante a festa das Rosas em Ingá, ainda em seus primórdios, (primeiras festas) onde os participantes do evento faziam questão de propagar o cenário alegre, harmonioso e familiar do evento, unidos pela ideia de pertencimento daquele espaço social.

Partindo desde ponto, podemos nos apropriar da História Cultural para ampliar as formas de escrever a história da Festa das Rosas, que ocorre anualmente na cidade de Ingá, podendo ainda incluir a questão das Festas Populares, que é trabalhada pela a História Cultural, que busca analisar em alguns casos as formas de comportamentos e características do evento, as quais nos fornecem elementos essenciais para compreendermos os vários fatores que englobam uma comunidade ou uma região, desmistificando discursos que solidificam certos preconceitos acerca de determinados acontecimentos, seja religioso ou cultural.

A descoberta da cultura popular foi em grande medida uma série de movimentos “motivados” no sentido de tentativas organizadas de sociedades sob domínio estrangeiro para reviver rebuscar sua cultura tradicional. (Idem, 2010, p-37)

E dessa forma, a cultura popular deixa de lado a cultura tradicional e foca um outro viés da História, como as festas tradicionais a destacar o Carnaval que pode ter sido desenvolvido a partir da Saturnal Romana e outras festividades que contribuíram para entender a História de determinado grupo, pois “*as festividades (qualquer que seja o seu tipo) são uma forma primordial, marcante da civilização humana.*” (BAKHTIN, 2010. P-07)

Ainda destacando que na cultura popular, a festa aparece como uma forma universal, utópica e que modifica o cotidiano das pessoas como destaca, Bakhtin;

“ao contrário da festa oficial, o carnaval era o triunfo de uma espécie de libertação temporária da verdade dominante e do regime vigente de abolição provisória de todas as relações hierárquicas, privilégios, regras e tabus. Era a autêntica festa do tempo do futuro, das alternâncias e renovações. (Idem. 2010. p. 8-9)

Ou seja, as pessoas pareciam alienadas temporariamente, mostrando estar vivenciando uma nova vida, livre, liberto, onde lhe permitia estabelecer novas relações de amizade, divertimentos com os seus semelhantes, pois, na concepção carnavalesca o homem vivia uma utopia, quebrando com a ideia de perfeição, de tradicional e oficial.

Os festejos do carnaval acompanhado com os atos cômicos ocupa um importantíssimo lugar na vida das pessoas. Como descobre Bakhtin, ainda uma semelhança entre o carnaval e as festas religiosas que segundo ele “quase todas as festas religiosas possuíam um aspecto cômico popular e público, consagrado também pela tradição” (Idem. 2010. p.7)

Assim como o carnaval, a Festa das Rosas em sua versão mais atual também ofereceu aos seus participantes a sentimento de liberdade, de felicidade, diversão, de um modo bem diferente da ocorrida na década de 70, em que seus participantes eram pessoas da elite, estudadas, ou seja, era um ambiente de caráter oficial formal, harmonioso onde todos se vestiam á caráter, os homens com seu termo muito bem engomado e as mulheres com seus belos e elegantes vestidos longos.

“Na prática a festa oficial olhava apenas para trás, para o passado de que se servia para consagrar a ordem social presente. A festa oficial, as vezes, mesmo contra suas intenções tendia a consagrar a estabilidade, a imutabilidade e a perenidade das regras que regiam o mundo: hierarquia, valores, normas e tabus religioso; políticos e morais correntes. A festa era o triunfo da verdade pré-fabricada, vitoriosa, dominante que assumia a aparência de uma verdade eterna, imutável e peremptória. Por isso o tom de festa oficial só podia ser de seriedade sem falha e o princípio cômico lhe era estranho (BAKHTIN. 2010, p.8).

Sendo que, essa característica formal não se enquadra na Festa Das Rosas dos dias atuais, tendo em vista que uma de suas marcas é justamente o oposto, pois a mesma oferece informalidade tornando-a mais liberal e atrativa principalmente entre jovens que procura por diversão.

Desta forma podemos caracterizar a festa como sendo uma ação coletiva, unida em torno de objetivos compartilhados, afinal a mesma pode ser associado ao lazer, ao simples prazer de se mostrar para o outro é apropriar-se do momento para ser reconhecida e admirada. Ou seja, a festa pode ser caracterizada como sendo a memória viva presente na mente de cada indivíduo.

A festa em sua dinamicidade acaba deixando uma lição muito importante, ela ensina que o ser humano é repleto de sentimentos de sensibilidades, de amizade, e busca sempre o amor e a alegria em festejar a vida. Onde cabe destacando a grande contribuição do historiador, filósofo e teórico da literatura contemporânea, Bakhtin, ao mencionar suas abordagens que permite-nos debruçarmos sobre sua obra (A Cultura Popular na Idade Média e

no Renascimento), mostrando a multiplicidade encontrada nas manifestações da Cultura Popular, através de seus espetáculos, seus ritos, das festas, dos vocábulos, das obras cômicas sendo orais ou escritas, do grosseiro e muitas vezes do familiar, ainda mais por que ele, traz a tona uma visão de mundo diferente, marcado pelo o riso, pela a renovação, pela a subversão de valores tradicional que de seu modo sempre contesta a ordem oficial.

## **CAPITULO II: A CIDADE DO INGÁ COMO OBJETO CULTURAL**

A cidade é uma realização humana, uma criação que vai se constituindo ao longo do processo histórico e que ganha materialização concreta, diferenciada em função de determinações históricas específicas. (CARLOS. 2007. P.57)

## II.I. A CIDADE COMO OBJETO DE ANÁLISE DA HISTÓRIA.

Ao analisar historicamente o surgimento das cidades pode-se destacar que os aparecimentos das cidades ocorreram desde a antiguidade com a interferência da ação do homem. Entendendo que a cidade é um produto do homem é o resultando de suas atividades, as quais foram se aperfeiçoando ao longo da história da humanidade.

Historicamente a formação das primeiras cidades se deu com o fim do período glaciário que ocorreu entre 12.000 á 10.000 a.C. quando a terra passou por um período de modificações climáticas, obrigando o homem a procurar formas de sobrevivências diferentes da caça.

Por volta de 9.000 a.C. o homem caçador torna-se pastor e com isso mais sedentário, sempre atrás de locais de bons pastos. A partir de 8.000 a.C. há um aprofundamento na relação do homem com o meio ambiente, o qual passa a aproveitar a terra para o plantio. E aproximadamente no ano 6.000 a.C. as inovações técnicas e o deslocamento de tribos para os vales fluviais e o surgimento de diques, canais e vales de irrigação vai surgindo as tribos sedentárias favorecendo o aparecimento das cidades antigas, como bem salienta Ana Fani;

“Em torno de 5.000 a.C. que surgem junto ao Eufrates e em outros pontos da Ásia menor que as primeiras povoações as quais pode-se dar o nome de cidade. Dentre essas mais antigas foram provavelmente: Kich, Ur e Uruk”. (CARLOS. 2007. p-61)

Segundo Fani, as primeiras cidades vão surgir principalmente nos locais que oferecem água com abundância propiciando a prática da agricultura de subsistência e as inovações tecnológicas como, a irrigação e adubagem do solo que vai possibilitando um grande desenvolvimento para as cidades.

Sendo pertinente destacar que a cidade sendo uma realização do homem é um fazer-se intenso, ela se cria e se recria infinitas vezes, e compõem infinitudes de formas, é uma criação que vai se constituir ao longo da história.

“A cidade em cada uma das diferentes etapas do processo histórico, assume formas, características e funções diferentes, ela seria assim, em cada época, o produto da

divisão do tipo e dos objetos de trabalho bem como do poder nela centralizado”. (CARLOS, 2007. P.57).

Mas, por outro lado, é necessário salientar que a cidade pode ser pensada e articulada visando atender um determinado objetivo, seja social, político ou econômico.

As cidades vai ganhar mais visibilidade o momento em que o homem começa a dominar em algumas técnicas agrícolas e a utilizar veículos de roda (ambos de tração animal) e também a utilização de barcos (a vela) principalmente para a navegação costeira. Esse novo processo de produção, essa mudanças de hábitos cotidianos acaba causando mudanças como a “divisão do trabalho, além de implicar uma divisão da sociedade em classes, vai determinar uma separação espacial entre as atividades dos homens entre, cidade e campo” (EZCARLOS. 2007. P.59)

Ao enfatizar a importância da cidade retrçando seu surgimento, sua evolução e seu desenvolvimento urbanístico, podemos perceber as mais variadas reflexões acerca das cidades seja cultural, política ou econômica, e em pleno movimento de transformação e desenvolvimento, além do mais, as cidades vão servir de lugar de produção e criação, símbolo de evolução comercial, como destaca Pesavento;

“as cidades comparecem como locus da acumulação de capital, como epicentro da transformação capitalista do mundo, a cidade é ainda abordada na dimensão espacial: ela é o território onde se realiza um processo de produção capitalista, onde se enfrentam as classes” (2008. P.77)

Desta forma a cidade representa o que poderíamos chamar de um campo de discussão e se compõem um campo de pesquisa interdisciplinar, que envolve o estudioso, o pesquisador, por isso a importância em decifrar os enigmas das cidades, as quais, vai se constituir um objeto de análise para as diversas áreas do conhecimento. Visto que, “trabalham sobre ela não só os historiadores, mais os geógrafos, urbanistas e os antropólogos”. (idem, 2008. P.77).

Neste ponto podemos destacar a História Cultural que traz esses novos portes provocando questões renovadoras, trazendo novos objetos de pesquisa, e a cidade além de um locus de reflexão, ela abre novos caminhos, onde é possível problematizar o econômico, as práticas sociais, culturais, religiosas, a representação, o imaginário, em fim, é um grande campo de pesquisa, que ao longo do tempo foi se constituindo um objeto dos mais variados discursos de saberes específicos.



Enquanto na Idade Média, onde as feiras comerciais eram praticamente os embriões das futuras cidades na modernidade a cidade é mais do que um lugar, ela é um personagem, um centro de transformação onde se entrelaçam englobando a tradição e o progresso.

Segundo Pesavento, “uma cidade moderna é aquela que destrói para construir, arrasando para embelezar, realizando cirurgias urbanas para redesenhar o espaço em função da técnica, da higiene, da estética” (2008. P. 79). Mas, ao remodelar a urb, isso implica pensar o que deve ser preservado para reconhecer e valorizar sua história e seus lugares de memória. Pois, ao analisar a cidade é possível construir a imagem de uma determinada época, compreendendo e interpretando a complexidade deste fenômeno. Como também salienta Carlos Lemos;

“A cidade tem que ser encarada como um artefato, como um bem cultural qualquer de um povo. Mas um artefato que pulsa, que vive, que permanentemente se transforma, se autodevora e expande em novos tecidos recriados para atender a outras demandas sucessivas de programas em permanente renovação” (1985. P. 47)

Segundo Lemos, a cidade vive em constante transformação em um movimento de mudança que lhe propicia crescer e se modernizar, é um movimento que ocorre deste a antiguidade até a contemporaneidade, quando a cidade passa a ser mais ainda admirada e valorizada pelos estudiosos e principalmente os geógrafos, considerando a dimensão multicultural existente naquele espaço e a multiplicidade de temas que pode ser explorado e analisado dentro de uma cidade.

“a cidade, enquanto marca e matriz cultural e, enquanto texto que permite múltiplas interpretações, esta recoberta por inúmeros mapas de significados. Mitos, utopias, crenças e valores particularmente, mas não de modo exclusivo da cultura dominante. (CORRÉA. 2003. P.158)

Pois toda cidade tem sua grafia própria, seus movimentos, suas representações e aspectos que abordam o cultural, político, social e o econômico. E a geografia privilegia o espaço da cidade estudando suas formas e funções urbanas.

## II.II. A CIDADE DE INGÁ E SEU CONTEXTO HISTÓRICO.

Ingá, é um município do Estado paraibano, fundado em 03 de Novembro de 1840, localizada na mesorregião do Agreste paraibano e microrregião de Itabaiana, sob as coordenadas: latitude 7° 17'21.9" ao Sul e longitude 35° 36'34.1 Oeste. Limita-se ao Norte: Juarez Távora e Serra Redonda. Ao Sul: Itabaiana e Fagundes; Ao Leste: Mogeiro; Ao Oeste: Riachão do Bacamarte e Campina Grande. Se distancia da Capital cerca de 95,6 km<sup>2</sup>. Segundo o IBGE ( Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística ) no ano de 2011, a cidade do Ingá possuía cerca de 18.234 habitantes distribuídos em 288 Km<sup>2</sup> de área.

Figura 1



Ingá ,vista aérea.<http://www.ingacidadão.com.br>

Figura 2



Ingá, localização na Paraíba.<http://www.ingacidadão.com.br>

A denominação referente a seu nome, Ingá<sup>5</sup>, vem do Tupi-Guarani e significa “Cheio de água”. Sendo importante destacar que existem algumas divergências acerca da origem do nome Ingá, pois, segundo a historiadora, Joselma do Nascimento.

<sup>5</sup> Ingá – árvore que existia na região onde hoje se localiza a cidade do Ingá. Ela ainda servia de ponto de descanso para viajantes.

Por volta de 1599, por ocasião da bandeira exploradora organizada pelo o terceiro governador da capitania Real da Paraíba- Feliciano Coelho de Carvalho, quando houve o primeiro contato com o homem branco e as terras do município de Ingá. Ao subir o Rio Paraíba, a bandeira chegou a confluência do Rio Ingá, seguiu o curso e no lugar denominado Pedra Lavrada, onde hoje estão os famosos Petroglifos que ficam três quilômetros abaixo da sede municipal. Sendo que a povoação dessas terras só teria se iniciado no século XVIII, essa teria ocorrido a partir das pousadas de viajantes á sombra de enormes ingazeiros. (MONTEIRO. 2005. P-29-30)

Sendo importante destacar que não há uma precisão certa a cerca da origem do nome Ingá, pois alguns historiadores acreditam em outra versão, como mostra Alexandre Ferreira:

Uma das hipóteses que procuro defender com está pesquisa é que esse território que conhecemos hoje como o município de Ingá, já era denominada assim, antes mesma da chegada do colonizador branco a este lugar. O uso da palavra Ingá como designação de um espaço, pode ter sido usado pelos índios Cariris antes mesmo dos primeiros contatos do homem branco e as terras do Ingá. (FERREIRA. 2012. P. 21)

Segundo Alexandre Ferreira, a denominação Ingá já existia antes da chegada do colonizador, pois no local onde hoje se localiza a cidade de Ingá, existiam outros habitantes nativos neste local, e havia uma língua própria entre eles, pois, era comum nomear e classificar as coisas, “de certo modo, tendo em vista que o branco herda a cultura do índio e soma a sua linguagem a seu mundo e a sua concepção de ver de entender as coisas a partir do lugar do outro”. (Idem, 2012, P-21)

Figura 3



Planta ingazeira<sup>6</sup> .<http://ingacidadão.com.br>

---

<sup>6</sup> Ingazeiro – árvore que deu origem ao nome do município

O município de Ingá foi fundado em 1840, e sua fundação é marcada por alguns atropelos.

Ingá originou-se sede a partir da institucionalização da lei nº 06 de 03 de Novembro de 1840, quando foi elevada a categoria de vila com a denominação de Vila do Imperador, no ano seguinte 1841 a Vila adquire a condição de Vila do Imperador. Sendo que, segundo o historiador Alexandre Ferreira:

“Uma das questões que instigava o desconforto em relação a criação da Vila do Ingá era o nome oficial que havia recebido- Vila do Imperador- quando na verdade a população local continuava se referindo ao local como sendo Vila de Ingá, sendo assim em 23 de Maio de 1846, houve a emancipação política e a antiga Vila do Imperador passou a se chamar definitivamente Vila do Ingá. (FERREIRA. 2012. P. 45).

Portanto, podemos perceber que a criação do nome de Ingá, seu surgimento enquanto Vila foi um processo marcado por divergência a cerca de sua origem. Atualmente sua economia pode ser caracterizada por três setores: Primário, secundário e terciário; Primário, representado pela a agricultura com plantação de feijão, milho, batata e fava, sendo em sua maioria como subsistência das famílias; Secundário é marcado pela a fábrica de calçados (Alpargatas-SP) e Terciário é representado pelo o comercio local.

## II. III: A CIDADE DE INGÁ E SEU PATRIMÔNIO CULTURAL.

No que se refere à questão de patrimônio a partir de Funari e Pelegrini, podemos entender que as origens do termo “patrimônio é uma palavra de origem latina, *patrimonium*, que se referia entre os antigos romanos a tudo o que pertencia ao pai, pater ou pater famílias, pai de família”. (2006. P.10). Nesta perspectiva, na antiguidade a família era propriedade do senhor, ou seja, tudo estava sobre o seu domínio, esposa, filhos, escravos, animais, bens móveis e imóveis.

No medievo com a expansão do cristianismo o patrimônio era aristocrático e privado, passando a agregar um valor simbólico, coletivo e religioso, quando começou a ganhar formas materiais e espirituais, passando a cultuar e a valorizar os lugares e objetos, como também os rituais coletivos.

No Renascimento permanece o caráter aristocrático, mais reforçam lhe alguns valores do humanismo, do retorno á antiguidade, quando começam a se preocupar com a coleta e catalogação de tudo que fosse antigo; como medas, inscrições em pedras, vasos de cerâmica, estátuas.

Na modernidade “o patrimônio rompe com as próprias bases aristocráticas e privadas do colecionismo e resulta de uma transformação profunda nas sociedades modernas”. (Funari e Pelegrine. 2006 p-13), mais foi só a partir das formações dos estados nacionais que será inserida a ideia e nação na sociedade, assim, com esse novo conceito de patrimônio sendo introduzida na sociedade a república criava um novo conceito no sentido de propagar a ideia de pertencimento a uma nação, a uma sociedade, a uma comunidade.

Sendo que é na contemporaneidade que a questão patrimonial<sup>7</sup> foi mais fortalecida principalmente após a segunda Guerra mundial, aumentando ainda mais com o espírito de nacionalismo, o qual era associado ao Imperialismo.

---

<sup>7</sup> Segundo Rodrigues, o conceito de patrimônio cultural confunde-se com vários fatos históricos do país, “a reunião do quadro evolutivo do conceito de patrimônio cultural no Brasil. A semana de arte moderna de 1922, o estado novo e a criação do serviço do patrimônio histórico e artístico nacional (SPHAN). E destaca ainda que a evolução deste conceito se deu a partir da participação efetiva de alguns intelectuais como Rodrigo Melo Franco Andrade, Mário de Andrade, Carlos Drummond de Andrade, Gustavo Capanema e outros. A preocupação com a preservação do patrimônio nacional se deu a partir da possibilidade de perda do patrimônio e foi através de manifestações de alguns intelectuais como Alceu Amoroso Lima e Carlos Drummond de Andrade, juntamente

Após a criação da ONU (Organização das Nações Unidas) e a UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação e Cultura) que passaram a se preocupar com o patrimônio além do nacional. Mas com o “patrimônio de valor provincial ou municipal, comunidades como indígenas, as mulheres, grupos religiosos e esportivos” (idem. 2006. p-23)

No Brasil a questão da preservação do patrimônio cultural data do início do século XX, diferente da Europa que desde o século XIX já havia uma discussão a cerca da preservação. Sendo que havia uma grande lacuna no sentido que não existia uma cultura própria, uma identidade nacional e local e criar um meio capaz de retratar a identidade de uma nação, que viesse lançar um novo olhar sobre o país voltado para construção de um novo perfil cultural e artístico era fundamental, isto significa, pertencer ao mundo moderno e a buscar as raízes históricas a fim de conhecer sua própria nação, sua tradição, seu povo e isso só seria possível através de vínculos com a questão patrimonial em nosso país.

Desta forma, a preservação do patrimônio cultural garante-nos o direito de preservar a memória individual e coletiva levando-nos a entender nosso lugar na história e preservar o que faz parte de nossa história é essencial para compreendermos o nosso espaço enquanto cidadão.

Desta forma, trabalhar a preservação do patrimônio histórico cultural na cidade do Ingá é importantíssimo, pois, além das Itacoatiara no Ingá, tida como um patrimônio formador da identidade do município, temos ainda a questão cultural onde se destaca a festa da padroeira (Nossa Senhora da Conceição), vista em um âmbito de festa religiosa, temos ainda a Festa das Rosas neste município, o evento que ocorreu primeiramente na década de 60, era uma festa realizada para a elite Ingaense nas décadas de 60, 70 e final da década de 80, quando o evento vai abrir suas portas para toda a população da cidade e para as cinco vizinhas e que permanece viva na vida cultural Ingaense até hoje.

---

com a imprensa escrita que o governo federal criou o decreto nº 22 de julho de 1933 que elevava a cidade de ouro preto MG a uma categoria de monumento nacional. E posteriormente a partir desses movimentos é criado o decreto Lei nº 25/37 de 30 de novembro de 1937, que resultou na criação do SPHAN (Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), era de sua responsabilidade mostrar a importância em se preservar o patrimônio, o qual era formado por bens móveis e imóveis que contasse a história do Brasil, seja de valor arqueológico, etnográfico, bibliográfico ou artístico.

Tendo em vista, que é importante mostrar a festa em seu caráter histórico, pois, a mesma faz parte da história desta cidade e analisar este evento é fundamental para compreender os desenvolvimentos que ocorreu na construção da identidade desta cidade.

Sobre este ponto é preciso destacar que a população da cidade do Ingá não demonstra muito interesse com a questão de preservação ao patrimônio, pois falta-lhes interesses e incentivos por parte dos administradores em oferecer meios que venha valorizar o patrimônio, para a partir da conscientizar a população a cerca da riqueza que os cercam.

Bem próximo á cidade do Ingá encontra-se as Itacoatiara<sup>8</sup>, localizadas no Sítio de Pedra Lavada do mesmo município. É um Sítio arqueológico onde se encontra a painel principal, denominado “Painel Vertical”, nesse painel existe um grande número de sinais extraordinários, gravados em um paredão em gnaisse de 46 metros de comprimentos por 3,8 metros de alturas, além desses paredões há dois outros gravados no piso horizontal. É sem dúvida uma beleza inigualável para ser admirada, segundo o historiador Vanderlei de Brito:

“O sítio arqueológico Pedra de Ingá é um conjunto rochoso no interior do Estado da Paraíba, no nordeste do Brasil, repleto de intrigantes inscrições rupestres petrificada no em baixo relevo. O sítio ocupa um hectare de área tomada como “Monumento nacional” pelo o Serviço do Patrimônio Histórico e Artísticos Nacional-SPHAN-atual IPHAN- desde 30 de Novembro de 1944 por vias do Museu Nacional d Rio de Janeiro e iniciativa do pesquisador José Anthero Pereira Júnior, sendo o segundo monumento pré-histórico tombado em nosso país” (BRITO. 2008. P.11)

---

<sup>8</sup> Itacoatiara ou “a Pedra do Ingá” é um monumento arqueológico, identificado como "Itacoatiara", constituído por um terreno rochoso que possui inscrições rupestres entalhadas na rocha, localizado no município de Ingá no estado da Paraíba.

Figura 4



Itacoatiara de Ingá. <http://ingacidadão.com.br>

Figura 5



escritos na pedra. <http://ingacidadão.com.br>

Desta forma, podemos observar as Itacoatiara ou como é conhecida popularmente pelos os moradores da cidade como (pedra lavrada), ela, conseguiu atrair todas as atenções para se, devido as suas inscrições fantásticas e enigmáticas, ou seja, a pedra é fascinante não só pelo o seu valor histórico, mas por ser um testemunho arqueológico vivo e palpável que remota a história de sociedades antigas, e ainda hoje ela é um dos mais intrigantes enigmas dos arqueólogos, pois estudiosos desta área já lhe atribuíram inúmeras conjecturas, mas ninguém soube explicar seus significados aos certo, isso valoriza ainda mais seu valor históricos para a humanidade.

Mas é importante destacar que mesmo pertencendo ao patrimônio nacional, esse monumento não chama tanta atenção dos Ingaense, pois, os mesmos não demostram, nem reconhecem, talvez por falta de informação, a importância desse patrimônio para a comunidade Ingaense, para não dizer a humanidade como forma de conhecer os que estavam aqui antes de nós, como relata Alexandre Ferreira:

“... é preciso produzir condições que possibilite ao povo um despertar, um sentimento não só de pertencimento, mas, também de preservação. Pois o homem só preserva aquilo que assume um determinado valor pra ele, uma importância”.  
(FERREIRA. 2012. P. 115)

Partindo desse ponto é preciso que se criem meios contundentes, práticos e objetivos que busque incentivar e valorizar a preservação das Itacoatiaras no município de Ingá, pois, a mesma é uma relíquia para se entender a história não só da Paraíba, mas do Brasil e da humanidade.



Além das itaquatiras de Ingá, a cidade se destaca pela sua diversidade cultural, e seu patrimônio histórico como, por exemplo, a Estação Ferroviária de Ingá, a qual foi inaugurada em 1909 pela GREAT WESTER, a qual ligava as cidades de Itabaiana, Ingá e Campina Grande.

Nesta época, a linha férrea servia como transporte rápido e o preço era mais acessível, além do mais a linha servia para transportar o algodão que era produzido na cidade do Ingá.

Até a chegada do trem na cidade, ainda se preservava os velhos métodos tradicionais de trabalho, a população utilizava a tração de animais, como burros, cavalos, bois, mulas, mas a partir da presença do trem a população Ingaense modificou os seus hábitos e costumes, tendo em vista que, para a população da cidade, o trem significava chegada do progresso, avanço e desenvolvimento, facilitava o acesso as informações oriundas da capital, também contribuiu para alcançar mudanças positivas no comportamento e na maneira de vestir principalmente na elite Ingaense. Os homens adotaram em suas vestimentas o palito, gravata e chapéu; as mulheres vestiam-se de longos vestidos e joias.

“No Ingá abriram-se vários ateliês e alfaiataria para atender as necessidades da sociedade que assumiram gosto requintados de padrões estéticos condizentes com a moda europeia ou das grandes capitais do Brasil como Recife e Rio de Janeiro.” (FERREIRA. 2012. P. 102)

Partindo desse ponto podemos observar que o trem motivou o crescimento econômico, encurtou as distancias e acesso a mais informações, e Ingá vivenciou nessa época uma grande mudança na percepção de se e diante do mundo até então desconhecido.

Sendo pertinente mencionar que a estação ferroviária e o trem tiveram significados diferentes para a população Ingaense, para os ricos (latifundiários e comerciantes) significou acesso ao consumo e ao comercio, e para a população menos favorecida (pobres) significou uma melhor distribuição de alimentos, pois, além disso, forneciam remédio, frutas e comidas.

Hoje a estação ferroviária de Ingá faz parte do Patrimônio Histórico e Artístico da Paraíba, e foi reconhecido em 2001 pelo IPHAEP<sup>9</sup>.

A pesar de seu significado histórico ela se encontra abandonada pelos os Ingaense mais não deixa de ser uma prova viva da história da cidade do Ingá.

---

<sup>9</sup> Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Paraíba, o IPHAEP foi fundado em Março de 1971. Hoje é uma autarquia do Governo da Paraíba, vinculada ao Ministério da Cultura do Brasil, cuja função é a preservação do acervo patrimonial, tangível e intangível, do Estado da Paraíba.

Dentre outros aspectos que fazem parte do patrimônio histórico e cultural de Ingá, podemos destacar a Praça Antenor Navarro, como um espaço de lazer e sociabilidade. A praça sempre é lembrada como um espaço de muita alegria, de encontros com os amigos, o primeiro beijo, algodão doce, da maçã do amor, tendo uma grande importância na vida e na memória das pessoas. A praça comporta uma grande importância no patrimônio histórico e cultural da cidade.

A Praça Antenor Navarro, foi construída no decorrer da segunda metade do século XX , seu espaço original era construído de banquinhos, luminárias, canteiros e piso mosaico, entre os anos de 1989 e 1992. A praça perdeu seu padrão original deixando para traz todo seu romantismo e beleza. Até que na gestão do ex-prefeito, Luiz Carlos Monteiro da Silva (2009-2012), houve um projeto onde buscava recuperar o modelo original da praça, devolvendo aos moradores da cidade as lembranças dos momentos felizes que foram vivenciados no passado.

### **CAPITULO III. A FESTA DAS ROSAS: MEMÓRIA E IDENTIDADE NA CIDADE DO INGÁ**

“Nada escapa à trama sincrônica da existência social atual, e é da combinação destes diversos elementos que pode emergir esta forma de que chamamos de lembrança, porque a traduzimos em uma linguagem”.

(Maurice Halbwachs. 1968)

### III.I. PERMANENCIA E LEMBRANÇA DA FESTA DAS ROSAS: MEMÓRIA COLETIVA E INDIVIDUAL DE SEUS MORADORES.

Na memória de um grupo se destacam as lembranças dos acontecimentos e das experiências que concernem ao maior número de seus membros e que resultam quer sua própria vida, quer de suas relações com os grupos mais próximos. (HALBWACHS. 1968. P-870).

Para Halbwachs, a memória é um elemento precioso, pois, a mesma contribui para desvendarmos o fatos que ocorreram no passado, seja de forma individual ou coletiva. Partindo desta premissa, entendemos que a Festa, pode ser considerada uma importante representante de nossa memória, a qual vem se perpetuando ao longo das décadas através das lembranças de quem vivenciou este evento.

De maneira particular a festa representa esse lugar de memória, por fazer parte de um patrimônio imaterial presente na lembrança e nos discursos orais dos frequentadores da festa, conforme narração de uma das frequentadoras da festa;

“a festa era uma beleza, me lembro, da vaidade, que as mulheres queriam se apresentar bonitas, em seus longos vestidos, e os homens também, eles não queriam ficar por baixo, é claro que não como as mulheres mais eles também ficavam na expectativa da festa também”. (Fatima de Lurdes<sup>10</sup>, entrevistada 15/08/2014)

A memória social se constitui um campo fecundo no qual são depositados lembranças, sendo que, é através da memória individual que aspectos importantes de nossa memória fazem parte dos quadros de lembrança de toda uma comunidade, uma sociedade, mostrando suas continuidades, seus movimentos de transição, muitas vezes marcados por rupturas. E ao analisar as festas, a mesma nos permite a transitar por territórios da vida e de memórias em sua forma mais elementar, mais íntima. “a memória, ainda hoje, evoca esse primeiro quadro histórico de minha infância, ao mesmo tempo em que minhas primeiras impressões”. (HALBWACHS. 1968. P.65)

---

<sup>10</sup> Dona Maria de Lurdes. Entrevistada, 15/ 08/2014. Moradora da cidade de Ingá, Frequentadora da Festa das Rosas, Esposa de um dos sócios do Clube A União Cultural Ingaense.

A memória é sempre pensada como uma seleção de fatos, de forma individual ou coletiva, pois depende de como cada indivíduo viveu aquele momento, pois, quem participou da festa, irá lembrar dos momentos vivenciados individualmente e guardará a lembrança da festa de forma diferente do outro, por isso, a importância dos depoimentos, como salienta Halbwachs;

Quando dizemos que em um depoimento não nos lembrará nada se não permanecer em nosso espírito algum traço do acontecimento passado que se trata de evocar, não queremos dizer todavia que a lembrança ou que uma de suas partes devesse substituir tal e qual em nós, mais somente que, desde o momento em que nós e as testemunhas fazíamos de um mesmo grupo e pensávamos em comum sob alguns aspectos, permanecemos em contato com esse grupo, e continuamos capazes de nos identificar com ele e de confundir nosso passado com o seu.(1968. P.28).

Visto que, em cada depoimento o que fica são suas lembranças, seus pensamentos, a forma mais íntima de se lembrar de si mesmo. Neste sentido, é possível entender as Festas das Rosas a partir de narrativas, analisando a fala e os resquícios de memória de pessoas que vivenciaram aquele momento tão significativo em sua vida, em suas lembranças, pois, a Festa das Rosas faz parte de sua história de seu passado.

A festa mostra-se capaz de, paradoxalmente, produzir o próprio cotidiano e o inédito como atos de produção do próprio vínculo social, num processo dialético de casos e ordem. Produtor da própria vida em sociedade. De maneira particular e expressiva, uma festa representa em sua essência a força simbólica. (SOUZA. 2011. P.35)

A festa analisada segundo esse viés, representa um evento coletivo, que perpassa o sentimento de comemoração e busca ligar os laços afetivos com os sociais, a mesma não demonstra apenas um espaço de lazer, mas, expressa de forma contextual outros espaços de sociabilidade que se configuram também no social em seu interior mostrando o lúdico, o mágico, o emocional e a alegria.

Os lugares de memória, no caso, as festas, contribuí para nós, na construção de nossas pesquisas, de discursos, na escrita buscando explicar as tramas existentes nas relações sociais, políticas, econômicas e culturais presente nestes espaços social. Entendendo que estes espaços estão muito presente em nossas lembranças, remete-nos a um passado significativo em nossa vida.

As lembranças é em larga medida é uma reconstrução do passado com a ajuda de dados emprestados do presente, além disso, preparada por outras reconstruções feitas em épocas anteriores e de onde a imagem de outrora manifestou-se já bem alterada. Certamente, que através da memória éramos colocados em contato diretamente com alguma de nossas antigas, impressões a lembranças se distinguiria, por definição, dessas ideias mais ou menos precisas que nossa reflexão, ajudada pelos os relatos, os depoimentos e as confidências dos outros, permite-nos fazer uma ideia do que foi o nosso passado. (HALBWACHS. 1968. P. 71)

Partindo deste ponto, podemos perceber o quanto a Festa das Rosas esta intimamente ligada a lembranças de alguns entrevistados, as quais remete-nos a momentos especiais com pessoas que não estão mais ao seu lado, no caso de Dona Maria de Lurdes;

Me lembro, o quanto ficávamos apreensiva quando se aproximava da festa, eu e meu marido, “respiração demorada”, ajudava na organização, já que ele era um dos sócios, ele gostava muito de se envolver nestas coisas, foi uma época muito boa, de momentos felizes com os nossos familiares e amigos, é “pausa” é um tempo que não volta mais minha filha, “pequena pausa e baixa a cabeça”. (Dona Maria de Lurdes, 15/08/2014).

De uma forma particular a memória<sup>11</sup> esta sempre ligada a nossas lembranças, produzindo emoções e significados diferentes em cada um que vivenciou determinados momentos, como salienta Halbwachs, a memória “individual aparece numa consciência reduzida a seus próprios recursos, isolada dos outros e capaz de evocar, quer por vontade, quer por oportunidade, os estados pelos os quais ela passou antes” (1986. P.57), enquanto a memória coletiva, “envolve as memórias individuais, mais não se confunde com elas” (idem. P. 53), ou seja, a memória coletiva esta centrada naquilo que é comum para um grupo, não em uma lembrança individual.

Nesta perspectiva, a memória é o ato de lembrar, de reconstruir fatos que ocorreram no passado, recriando novamente o já vivido, é um sentimento de continuidade, presente naquele que lembra e naquilo que é lembrado, como narra dona Maria de Lurdes,

“eu gostava da festa pelo o encontro que ela proporcionava entre os antigos amigos, colegas, “sabe minha filha”, (pausa) a festa representava uma união e essa união se

---

<sup>11</sup> Ver Maurice Halbwachs, Memória coletiva, 1968. p.53-55

fortalecia na festa, meu marido (pausa), era vivo e agente se entregava se divertia, se alegrava éramos todos amigos familiares” (entrevistada 15/08/2014).

Neste sentido, a memória é algo que legitima o passado, é através da memória de algumas pessoas que participaram deste evento que iremos legitimar nossa pesquisa, tendo em vista que, “na Idade Média venerava os velhos, sobretudo porque via neles homens-memória, prestigiosos e úteis”. (LE GOFF, 2003. P. 444)

A memória das pessoas mais velhas nós ajuda a entender como as pessoas viviam, se comportavam, como era o meio social, cultural, religioso, econômico de determinada população, nos levando a compreender fatos que marcaram a história da cidade no caso Ingá.

A memória enquanto testemunha se caracteriza como um elemento fundante para configurar temporalidades, pois, nós ajuda a desvendar informações que ocorreram no passado distante, tais como, informações acerca de uma comunidade, um grupo, ela nós dar subsídios para analisar eventos muitas vezes desconhecidos, mais fundamentais para construirmos e entender a história de uma determinada cidade, em nosso caso, a festa das Rosas de Ingá, sendo através da mesma que tivemos conhecimento sobre alguns fatos que aconteceram na sociedade Ingaense.

Destacando que, o que mais prevalece na memória destas pessoas nas lembranças intitulada por eles mesmos, como sendo um “tempo bom, feliz e de respeito mutuo”, é na verdade a lembrança do tempo que não pode mais ser vivido, restando para eles apenas o sentimento de pertencimento aquele evento, como demonstra a imagem cedida pelo o professor Alexandre Ferreira, mostrando a satisfação em participar da Festa das Rosas.

Figura 6



Festa das Rosas, no clube a União Cultural Ingaense. Arquivo pessoal de Alexandre Ferreira.

Sendo pertinente destacar que as lembranças permanecem na memória dos participantes da festa, como também, nos momentos inesquecíveis e significantes de suas vidas. “A memória é um glorioso e admirável dom da natureza, através do qual reevocamos as coisas passadas, abraçamos as presentes contemplamos as futuras”. (LE GOFF. 2003. P. 447).



### III. II. A FESTA DAS ROSAS E O CLUBE A UNIÃO CULTURAL INGAENSE.

Primeiramente é importante salientar que a origem da Festa das Rosas se contradiz em alguns momentos, por exemplo, segundo um dos entrevistados, o Professor Antonio Santiago, a festa foi criada com o objetivo de homenagear os dias das mães, justamente dada em que até hoje é realizada a Festas das Rosas em Ingá. Já para o Professor Alexandre Ferreira, a Festa foi Criada com objetivo de reunir a elite local, a festa significava antes de tudo uma divisão entre os ricos (latifundiários e comerciantes) da população menos favorecida, era uma reunião apenas de ricos e só eles poderiam participar deste evento.

A pesar de tudo isso, a Festas das Rosas é representada através da memória de alguns moradores da cidade, observando que a memória principalmente coletiva fundamenta a própria identidade do povo Ingaense, principalmente, das pessoas que participaram da festa durante seus primeiros anos de ocorrência, tendo em vista que, a memória age sobre o que foi vivido e vivenciado.

Muitas pessoas em varias sociedades guardam e passam seus costumes e guardam alguns hábitos tradicionais ocorridos no passado como forma de fazer sobreviver sua própria história, seja através da memória ou do patrimônio cultural material ou imaterial, tangível e intangível, pois elas ligam os fatos do passado de maneira tão intensa e profunda que acabam associando as suas lembranças e lugares (espaço) que dividiram com outras pessoas, momentos marcantes em suas vidas que acabaram contribuindo na formação de opiniões e do próprio ser, no modo de viver e de como pensar, de agir.

Sendo pertinente destacar, que falar de cultura e lazer na sociedade Ingaense nas décadas de 1960 a 1990, época em que houve mudanças significativas nesta festa e conseqüentemente, as décadas posteriores até os dias de hoje, se constitui um processo muito trabalhoso, pois tentarei identificar que circunstâncias foram determinantes e que fatores causaram mudanças significativas no evento, como também, destacar nos aspectos culturais as rupturas e permanências existente na Festa das Rosas de Ingá

E para compreendermos melhor o que aconteceu na festa das Rosas em Ingá, é preciso saber, que o inicio de sua fundação foi em Maio de 1969, primeiro ano em que a festa foi produzida e realizada pela a elite e para ela, ou seja, era uma festa onde apenas a sociedade elitizada de Ingá poderia participar da festa, enquanto, as pessoas mais simples não poderiam

entrar para participar do evento, pois, quem não possuíam recursos financeiros suficientes para fazer parte desta sociedade eram deixados de fora da festividade.

Até meados da década de 1990, quando a festa deixa de ser realizada no Clube União Cultural Ingaense e passa a acontecer no Industrial Esporte Clube de Ingá, a festa vai permanecer com a mesma nomenclatura, mais com objetivos e visões diferentes.

Onde os objetivos que vão sustentar essa manifestação vão além de reunir a sociedade, mais sim, objetiva arrecadar fundos para melhorias no Industrial Esporte Clube e também por interesses pessoais de alguns sócios do Industrial. A necessidade e a vontade de recolher mais dinheiros fez com que os dirigentes do Clube abrissem as portas para toda a população, oferecendo varias atrações musicais e utilizando-se de um bar localizado dentro do Industrial, o qual só pode ser utilizado pelos os sócios, isso rende para eles muitos mais do que era esperado. Com isso a festa foi perdendo sua caracterização a (sociedade elitizada sai de cena entra o povão), e servindo como objetos de comercio para os sócios do Clube.

Um fato que também nos chama atenção é as diferenças existentes entre as elites frequentadoras das primeiras festas para as dos dias atuais, como podemos analisar abaixo;

Figura 7



Casal na recepção do Clube a União Cultural Ingaense. Arquivo pessoal de Alexandre Ferreira

Figura 8



Prefeito e secretários na atual Festas das Rosas 2014. <http://www.ingacidadão.com.br>

A diferença existente nas vestes que a elite dos dias atuais usa se diverge com as utilizadas pelas os primeiros participantes da Festa das Rosas, pois, antes prevalecia a elegância, o tradicional, a família e hoje o que prevalece é o oposto, não existe preocupação de antes, pois, o que prevalece é o desejo em divertisse, a liberdade, quebrando com uma das principais característica da Festa das Rosas.

Com essa mudança, a festa ganha um caráter mais popular, podendo ser compartilhada por toda a população em geral. E aos poucos a festa vai ganhando outras roupagens principalmente após alguns comentários;

No dia seguinte, depois da festa saiu o boato em toda a cidade que 14 meninas perderam o cabaço. (virgindade), com os namorados, aproveitando-se da liberdade que se tinha durante a festa. (Fatima de Lurdes<sup>12</sup>, entrevistada 15/08/2014)

A partir destes comentários a Festa que era realizada pela a elite e para ela, agora passa a agregar toda população local e de cidades circo-vizinhas, enfatizando que as “moças de famílias” não frequentam mais a festa pois, tem medo de ficarem mal faladas na cidade.

<sup>12</sup> Entrevistada. Dona Fatima de Lurdes, entrevistada 12/08/2014, Frequentadora da Festa.

Neste sentido a Festa das Rosas perde algumas características, principalmente aquele elo de união entre amigos e familiares e ganha outros como uma festa onde “moças de família” não podem frequentar este evento por ser caracterizada como uma festa onde as moças vão perder sua “virgindade”, como narra o senhor Edilson Pereira “*algumas mulheres aproveitavam o momento da festa para namorar, daí o apelido “festa do cabaço”*” (01/09/2014).

Motivo esse que grande parte das moças deixaram de participar da festa, pois, alguns moradores começaram a espalhar que a festa não era para “moças de família” e sim, de moças que iriam “perder o cabaço”, pelo o fato que, após a festa os boatos que ouviam era que “moça tal teria perdido sua virgindade com o namorado durante a realização da festa”. Envolvidos pelo o toque da música, bebidas e a liberdade que tinha longe dos olhos dos pais, acabavam indo além dos limites.

Isso serviu de alerta para os pais de meninas da sociedade os quais passaram a proibir a presença de suas filhas neste ambiente. Por isso, a elite sai de cena e os menos favorecidos e todas as cidades circo vizinhas passam a ter acesso a esse evento.

Segundo Halbwachs, (1969) “a memória coletiva, aquela que recompõe magnificamente o passado”. E sendo a memória um o alicerce da história, segundo alguns depoimentos, após, a década de 90, durante a Festa das Rosas, quando ainda acontecia no União Esporte Clube, o ambiente já começava a se modificar, pois, o ambiente já servia de palco para confraternização e para a realização de festas para concluintes do ensino médio, (alunos de uma escola muito tradicional na cidade, Escola Professor Rangel), como discorre Dona Leozita<sup>13</sup>.

“A partir de meados da década de 80 para 90, os sócios do clube queriam ganhar dinheiro em cima do espaço do clube e começou a utilizar o lugar para outras finalidades, como por exemplo, a ceder o clube para festa de concluintes, festa de são João, para bailes de mascaras durante o carnaval entre outras.”. (Dona Leozita. Entrevista 15/ 08/ 2014).

---

<sup>13</sup> Entrevistada. Dona Leozita, entrevistada 15/08/2014, Frequentadora das primeiras Festas das Rosas.

Sendo pertinente destacar, que o Clube União Cultural Ingaense, ele foi institucionalizado no ano de 1949, ano em que a sociedade Ingaense ganha espaço para realizar seus eventos sociais e se reunirem com os membros (sócios), era um espaço privado “aristocratizado”, como seu próprio nome já diz “união”, ou seja, somente podiam frequentar o clube quem pertencessem a elite, ou melhor a sociedade Ingaense, era a reunião ou confraternização de quem era letrado ou podia comprar a letra, mas mesmo comprando, você teria que ter uma certa instrução no falar, como se expressar, como se comportar e etc.

Portanto, foi no dia 22 de janeiro de 1949 que o clube União Cultural Ingaense, abriu suas portas pela primeira vez, com o objetivo de receber os grandes eventos solene e festivo da cidade, sendo também um marco divisor entre a elite e a população mais simples economicamente. Como mostra Alexandre Ferreira;

As festas eram marcadas pelo glamour e o luxo das roupas das famílias sociais que frequentavam aquele espaço e faziam daquele ambiente um objetivo de intenção do seu poder. Apenas os ricos que faziam parte da sociedade que frequentavam o clube poderiam usufruir das atividades recreativas que eram oferecidas neste ambiente. (2012. p-116-117).

E foi nesse ambiente considerado divisor da sociedade Ingaense, que em maio de 1969 foi realizada a mais famosa e tradicional Festa das Rosas, uma festa produzida pela elite e para ela. A festa, inicialmente foi organizada e realizada pela prometer Maria de Jesus Pinto, muito conhecida na cidade por realizar as melhores festas da cidade.

Figura 9



Maria de Jesus Pinto. Arquivo pessoal de Alexandre Ferreira.

Em sua primeira caracterização, a festa era para homenagear filhas (moças) dos grandes fazendeiros locais, segundo Joselma do Nascimento,

O que podemos perceber que o que mais destacou no Clube União Cultural Ingaense foram as festas tradicionais e a principal foi a Festa das Rosas que surgiu a partir da festa do rosário promovida pela igreja católica local e conseqüentemente organizaram a festa das rosas para homenagear as moças filhas dos ilustres sócios proprietários com o título de moça mais bonita e elegante do município. Essa festa fazia toda a elite de Ingá ficar ansiosa pelo seu dia, pois seria o momento de deslumbre para os pais dessas moças, como também para elas, momento de deslumbre e demonstrar o modelito da época nos mais formosos corpos das elegantes moças. (2005. P-41)

A Festa das Rosas era um desses eventos marcantes para as famílias tradicionais do Ingá, na qual era exibido todo o poder financeiro que possuíam para impressionar os outros, enquanto a população pobre ficavam de fora de toda essas festas, a margem dessas sociedade em pleno auge, e todos queriam participar deste evento, como mostra (Dona Leozita)

Participar da Festa das Rosas nesta época na cidade de Ingá era uma honra, um privilegio para qualquer família, ou pessoa mesmo, o momento era aguardado com muita ansiedade, Pois, havia todo um preparativo em fazer vestidos novos, pois, todos teriam que estar bem vestidos, já que eram as pessoas de melhor condições que estavam presentes na festas, por isso era preciso causar uma boa impressão. (Dona Leozita. Entrevista 15/08/2014)

Desta forma, podemos perceber a importância que era dada a este evento, visto que, o mesmo era caracterizado como sendo uma festa de elite, ou seja, era uma festa produzida para as famílias tradicionais que compunha a sociedade Ingaense, como podemos observar nesta imagem.

Figura 10



Vestida para ir a Festa das Rosas. Arquivo pessoal de Alexandre Ferreira

Baseados nesta imagem, entendemos que a Festa das Rosas é um elemento importante e precioso para se pensar e trabalhar a questão de mudanças no modo de vestir, de pensar de se comportar neste evento, visto que, um fato marcante no evento dos dias atuais é o desprendimento com o tradicional.

Partindo desta perspectiva, percebemos a importância posta pelos os entrevistados acerca as Festa das Rosas de Ingá, no qual os depoentes classifica o evento como sendo um lugar de sociabilidades de alegria, diversão assumindo maior visibilidade perante toda a sociedade da cidade.

A festa era uma maravilha, eu me lembro, das musicas, das conversas, eu dançava com meus colegas sem maldade, era uma festa que hoje não existe mais, pelo menos por aqui. (fica pensativa) acho que são momentos que não mais. (Dona Maria de Fatima, Entrevistada 15/08 2014).

A Festa das Rosas hoje, não é mais visualidade nesta ótica, ela perdeu sua característica de harmoniosa, passou a ser um evento onde as pessoas não buscam apenas diversão, mas, outros elementos se congregam como brigas, embriagues entre outros, perdendo desta forma toda a sua essência, chegando a ser repudiada por pessoas que frequentavam a festas das Rosas durante as décadas de 60 a 90, como bem salienta Edilson Pereira<sup>14</sup>;

Não frequento mais a Festa das Rosas, pois, hoje ela não me oferece lazer como a antiga, hoje, a festa é composta de pessoas que não querem se divertir e não deixa quem quer, muitos ficam arrumando brigas por tudo, as musicas não são as mesmas tudo mudou, principalmente os frequentadores. (Edilson, Entrevistado 01/09/2014)

No caso da festa das Rosas, os jovens de hoje se identificam com a festa atual, diferente dos entrevistados que se identificavam com a festa que ocorriam nos primórdios e todos relataram que, não se identificam com as que ocorrem nos dias hoje, pois, os conceitos acerca de festa são outros, a juventude atual não vêem a festa com os mesmos olhos de um senhor que participou da festa a quarenta e oito anos atrás, como podemos observar nas imagens abaixo;

Figura 11



Vestida para Festa das Rosas

---

<sup>14</sup> Entrevistado, Senhor, Edilson pereira, atual sócio do Clube Industrial Esporte Clube. Onde ocorre a festa atualmente.



Figura 12



Frente do União Esporte Clube. Arquivo pessoal Alexandre Ferreira

Estas imagens nos possibilita analisar as diferenças existentes nas vestimentas das primeiras pessoas que frequentavam a Festa das Rosas, diferentemente do que ocorre nos dias atuais, na primeira imagem, as roupas são totalmente diversificadas as meninas usam shorts, blusas coloridas totalmente desprezadas de qualquer formalidade enquanto a mais antiga é caracterizada pela a formalidade, a elegância, os cabelos bem prendidos até a posse para a fotografia é diferente, mais é preciso considerar que são tempos e identidades diferentes.

Tendo em vista, que a identidade e a diferença se diverge em sua essências, pois, identidade é aquilo que se é, Por exemplo “sou negro”, diferença é aquilo que o outro é, exemplo “sou branca”. É um caso de temporalidade, pois são épocas e conceitos diferentes. Como salienta Tomaz Tadeu; “ a identidade e a diferença estão estreitamente relacionadas às formas pelas quais a sociedade produz e utiliza”. (2012. P. 82)

A questão da identidade e a diferença tem uma relação social, que inclui analisar vetores de força, como cultural e de poder existente entre os indivíduos. A Identidade vai muito além do documento oficial que registra e que determina quem é a pessoa, a identidade se constitui nas praticas, nos hábitos e costumes de uma pessoa ou de um grupo. E esses valores em conjunto com a história de um determinado grupo social, representa uma somatória de valores que possibilita ser quem somos.

### III.III. MEMÓRIA SOCIAL E IDENTIDADE: SOCIABILIDADES E MUDANÇAS NA FESTA DAS ROSAS EM INGÃ.

Ao Compreender que o evento festivo se constitui em um momento em que os indivíduos (homens e mulheres) rompem, ou seja, quebram com a rotina de seu cotidiano e se permite vivenciar momentos de lazer, de diversão, de interação, de religiosidade e de sociabilidades, tudo isso permite olhar para a festa como uma visão mais atenciosa. Saliendo que são esses elementos que norteiam o período festivo, possibilitando-os a construção de um espaço repleto de manifestações culturais. E, é também, por meio da festa que os sujeitos sociais reafirmam suas identidades, suas visões, seus valores e suas concepções de mundo.

A festa em seu caráter mais simples pode ser entendida, como sendo, capaz de fazer o ser humano se adaptar e viver em sociedade, em um determinado grupo social. Pois, a vivência e o constante contato com outras pessoas permitem ao indivíduo compartilhar sentimentos, sendo pertinente destacar que é através desta socialização, que as pessoas interagem seja, em um grupo, com a família, amigos, colegas de trabalho entre outros.

Nesta perspectiva, a festa constitui-se um elemento fundamental na vida das pessoas, propiciando aos os sujeitos a capacidade deles próprios construir sua identidade, entendendo que, identidade é a qualidade de algum se identificar, é o reconhecimento que cada indivíduo dá a se próprio de uma forma bem particular, a identidade não é algo acabado esta sempre em construção.

Primeiramente, a identidade não é uma essência; não é um dado ou um fato, seja, da natureza, seja, da cultura. A identidade não é fixa, estável, coerente, unificada, permanente. A identidade tampouco é homogênea, definitiva, acabada, idêntica, transcendental. Por outro lado, podemos dizer que a identidade é uma construção, um efeito, um processo de produção, uma relação, um ato performativo. A identidade é instável, contraditória, fragmentada, inconsistente, inacabada. A identidade esta ligada a estruturas discursivas e narrativas. (SILVA. 2012. P. 96)

Entendendo, que a identificação do sujeito é construída a partir do reconhecimento em particular de alguma origem em comum ou compartilhada com um grupo de pessoas. Segundo Stuart Hall, “a identificação é uma construção, é um processo nunca completado, é algo sempre em processo” (2012. P. 106), a identificação é ainda uma prática de significações e ressignificações, muito presente na vida das pessoas, tendo em vista que o homem vive em constante construção de se próprio.

Identificar a festa em sua dinamicidade e diversidade, a qual faz parte do patrimônio imaterial de nossa cidade representa, preservar a nossa história na tentativa de amenizar o empobrecimento cultural, muito forte nos dias atuais. A festa enquanto um espaço de sociabilidade nos possibilita enquanto historiadores valorizar este locus, seja na sala de aula ou seja em nossas produções de cunho científico.

A existência da Festa das Rosas representa parte da história da cidade de Ingá, mas, ao mesmo tempo a mesma não é visualizada em toda sua potencialidade, isto é, não é encarada como deveria ser, visto que, a festa é extremamente rica de detalhes e informações relativas a períodos que compõem a história da cidade, nos proporcionando conhecer fatos ainda desconhecido pela a população Ingaense, como discorre o professor Santiago<sup>15</sup>.

“No final da década de 90, os organizadores da festa começam a encara-la com um olhar mais econômico, visando arrecadar dinheiro. Durante a festa se realizava a colação da turma concluinte da “Escola Rangel”, com isso a festa perdeu seu caráter mais tradicional, sua identidade, a partir dai a união da sociedade que girava em torno da festa foi se desfacelando perdendo suas característica”. (Antonio Santiago. Entrevista 15/ 08/ 2014).

Sendo pertinente destacar que a influência econômica era até a realização desta pesquisa desconhecida pela população, pois, ninguém dizia ao certo o que causou essas mudanças tão significativas na imagem da Festa das Rosas em Ingá, onde fica claro que, o que acabou com o tradicionalismo e fez com que a sociedade elitizada do Ingá deixasse de participar da festa foi a ambição do homem na busca enriquecimento fácil através do espaço do Clube a União cultural, deixando de lado os aspectos culturais e tradicionais da cidade, com esses resultados, e através deste trabalho acreditamos estar contribuindo para que ocorra outras leituras referentes a este tema tão importante para a cidade.

Podemos destacar na fala de todos os entrevistados a nostalgia, a saudade, a afirmação de sua importância e contribuição para a história da cidade e sua identificação com o evento; como narra Edilson. *Me identifico com a antiga festa das rosas que reunia amigos e familiares afim de diversão saudável. (Entrevistado Edilson, sócio atual do Clube).*

---

<sup>15</sup> Entrevistado. Professor Antônio Santiago, 15/08/2014, frequentador das primeiras Festa das Rosas que ocorreu na cidade do Ingá.

Identificamos na fala de todos os entrevistados um certo saudosismos, de um tempo que não volta mais, quando salienta, o professor Antonio Santiago; “*me lembro dos apertos que levei naquela festa! (respiração com pausa)*”

Diante do exposto na memória individual, é pertinente destacar que a festa acompanhou as mudanças da cidade se transformou em um evento cultural, fazendo parte da vida dos moradores da cidade, mais o que prevalece nas lembranças de quem vivenciou a festa em seus primórdios foi um tempo que não volta mais, foi as boas lembranças do vivido, restando apenas um forte sentimento de pertencimento aquele evento.

Partindo deste ponto, é pertinente destacar os relatos aqui registrados, os quais nos leva a pensar sobre a importância da história oral na construção deste trabalho, como salienta Verena Alberti,

Uma das principais vantagens da história oral deriva justamente do fascínio do vivido. A experiência histórica do entrevistado torna o passado mais concreto, sendo, por isso, atraente na divulgação do conhecimento. Quando bem aproveitada, a história oral tem, pois um elevado potencial de ensinamento do passado, porque fascina com a experiência do outro. (2004. P. 22)

Desta forma a história Oral nos fornece novas formas de ver, de escrever, pensar e repensar a história. Pois, foi a partir de suas narrativas e das lembranças, no seu imaginário, em suas recordações que podemos viajar no tempo e no espaço e ao mesmo tempo, proporcionar a esses indivíduos o devido valor e reconhecimento por fazerem parte da história de Ingá.

É válido acreditar que a história oral tem um caráter revolucionário, pois ela se tornou razão de ser de todos os locais de interesses coletivo. [...]. A valorização do indivíduo e o seu reenquadramento em contextos capazes de distingui-los significaram outra forma de viver socialmente. (MEIHY. 2007. P. 105).

Pois, é a partir da História Oral que podemos resignificar, dar vida a história local, que ainda se constitui uma parte tão frágil, tão esquecida, principalmente no que tange a Festa das Rosas de Ingá e suas mudanças. Ainda mais por entender, que a História oral nos dar subsídios através de suas entrevistas orais para compreender-nos determinados períodos históricos, como discorre Meihy: “A história oral é uma alternativa para estudar a sociedade

por meio de uma documentação feita com o uso de entrevistas gravadas em aparelhos eletrônicos e transformada em textos escritos.” (2005, p 19)

Pois, trabalhar com a História Cultural na perspectiva da História Oral foi fundamental para o nosso trabalho, tendo em vista, que através da mesma os historiadores passaram a se interessar pelo os mais variados tema, como o cotidiano, família, economia, religião, costumes, etc. O resultado de tudo isso foi o alcance de significativas mudanças nos conteúdos que aborda a história, mostrando as transformações ocorridas na sociedade ao longo do tempo, tendo em vista, que as festas segundo Lima;

“A festa é feita de deslocamentos de sentidos, mesmo que, sob o signo de emblemas e sinais que tentam institui-la como um acontecimento típico de uma determinada região, cidade ou povo, que se pauta sobre tudo na ideia de unidade e homogeneidade. Mas, no entanto, em detrimentos aos seus deslocamentos e dispersões de praticas e discursos, ela se substancializa a partir de vários dispositivos de poder de saber que se articulam se entrecruzam e se conectam em espacialidade e intencionalidades diversas.” (2008, p, 236)

É nesta perspectiva, que exploramos a temática da festa mostrando-a como espetáculo rico, popular e alegre destacando a importância do evento na movimentação econômica do município, visto que, grande parte do comercio da cidade voltasse para esse evento, desde as barracas colocadas em frente ao industrial, como no bar dos sócios dentro do local da festa, como nas lojas de roupas, calçados, salões de beleza e perfumaria se preparam para esse evento.

Concentrados na construção da imagem da festa, como um bem do povo, como pertencente á cidade, a festa torna-se um acontecimento que rompe com o localismo, atraindo pessoas de varias localidades.

Nesta ótica, a temática da festa se constitui um campo fecundo para se trabalhar e pensar a sociedade em suas diversidades, continuidades, seus movimentos de transição e suas rupturas. Ao analisar a festa como um evento social, o mesmo nos permite transitar por vários territórios tanto da vida de determinado individuo como em fatos relativos a sociedade.

De maneira particular, a festa das Rosas em Ingá, traz traços culturais e apresenta aspectos que engloba a sociabilidades, isto é, novas formas de interação, de comunicação, ou seja, novas formas de se relacionar com o outro de se sentir-se integrante daquele espaço.

Sendo pertinente destacar que a alegria é um movimento presente no evento, pois, permite a mistura de agentes sociais e seus respectivos signos, códigos e sinais que compõem o espaço da festa e neste locus de intensa socialização, que envolve o emocional das pessoas é onde se aflora as histórias e lembranças que marcam as relações tecidas entre os protagonistas da festa.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Em nosso trabalho procuramos analisar o lugar social e cultural da Festa das Rosas, que ocorre anualmente na cidade do Ingá, discutindo como determinados fatores influenciaram e resultaram em mudanças significativas na Festa das Rosas do Ingá, uma das principais causas foi o fator econômico, causando a segregação dos sócios do Clube a União Cultural Ingaense, levando o evento para um espaço maior, tendo como resultado a popularização da mesma, deixando de ser uma festa considerada da elite para uma festa do povão e isso deu a partir, da ambição do homem em buscar adquirir mais recursos financeiros, não dando tanta importância para a essência da festa que era a confraternização, a união saudável entre pessoas de uma mesma classe social.

Ao trabalhar com este tema, em específico a Festa das Rosas em Ingá, nós alcançamos alguns resultados fruto de nossa pesquisa podendo ser identificados através da valorização e a grande contribuição que demos na construção da história desta cidade. Tendo em vista que, a festa era um evento da elite local, e que na ocorrência de algumas mudanças advindas de interesses pessoais de alguns dos sócios, a festa se popularizou. Sendo importante destacar que, foi a partir da popularização deste evento que a mesma passou a proporcionar a cidade um maior desenvolvimento econômico, uma nova visão, tanto nos aspectos econômico como culturais, pois, a mesma tornou-se um evento tradicional, reconhecido e aguardado com muita ansiedade pelas as pessoas que geralmente participam da festa.

É pertinente destacarmos que a festa exerce uma expressiva influência no contexto econômico da cidade, propiciando ao comércio local um aumento expressivo nas vendas, movimentando desde as barracas instaladas nos entornos do Industrial Esporte Clube até as lojas de perfumaria de roupas, calçados e os bares que se encontram espalhados pela cidade, sendo também, um período em que a cidade recebe pessoas de várias localidades as quais se instalam em pousadas ou na casa de parentes para participarem do evento, seria interessante que os administradores da cidade investissem no turismo local oferecendo meios que prendesse esse turista a cidade, tendo em vista que, após a ocorrência da festa a cidade não disponibiliza outros atrativos que leve a permanência do turista na cidade.

Uma característica marcante da Festa das Rosas é por ser considerado um lugar de encontros, de liberdade, de diversão, em fim, é um evento de múltiplas territorialidades, seja,

no aspecto econômico ou cultural, visto que, é um lugar de atores sociais de cidades diversificadas e que o sentimento coletivo de tais atores durante a realização da festa significou e significa a possibilidade de seus protagonistas se utilizarem do espaço público para fazerem novas amizades, conhecerem novos amores.

Esta pesquisa foi importantíssima, pois, além de favorecer a novos conhecimentos acerca dos aspectos sócias e culturais da cidade do Ingá, a mesma nos possibilita a conhecer fragmentos da história desta cidade que eram esquecidos e em muitos casos marginalizados na história local deste município.

A abordagem deste tema nos proporciona a aquisição de novos conhecimentos acerca da festa, como por exemplo, o fator determinante que causou a saída da elite e a entrada do povão na festa foi a ambição de alguns sócios do clube que almejavam adquirir mais recurso durante o evento, coisa que a festa quando acontecia no Clube a União Cultural Ingaense não acontecia, só após, a abertura de um espaço mais amplo no caso (o Industrial Esporte Clube), é que essa façanha foi possível, causando a abertura para toda a população, levando um aumento expressivo na arrecadação do Clube, fato este que causou êxodo (saída) da elite local neste evento.

Sendo perceptível reconhecer que esta temática nunca foi abordada por nenhum historiador da cidade, tendo em vista que, através da Festa das Rosas, nós foi possível da voz a pessoas anônimas, ou seja, indivíduos que participaram do evento mais nunca haviam se manifestado a esse respeito.

Para tal estudo, consideramos a fala dos entrevistados fundamental para efetivamente construirmos este trabalho, pois, eram eles que obtinham o conhecimento em suas memórias sobre este evento, o qual com o passar dos anos ele passou a ser considerado um evento tradicional na cidade.

E nesta perspectiva esta pesquisa aborda aspectos consideráveis acerca da história da cidade do Ingá, entendendo que a história escrita e documentada muitas vezes se distingue da acontecida e nesta segregação entre o fato narrado e vivido reside a escrita do historiador.



**REFERÊNCIAS:**

ALBERTI, Verena. **Ouvir Contar: Textos em história Oral/** Verena Alberti- Rio de Janeiro: Editora FGV,2004.

\_\_\_\_\_. **“Histórias dentro da história”**, IN: PINSKY, Carla Bassanezi (ORG). Fontes históricas, São Paulo: Contexto. 2005.

BAKTIN, Mikhail Mikhailovitch, 1895-1975. **A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: O contexto de François Rabelais/** Mikhail Bakhtin; Tradução Yara Frateschi Vieira. São Paulo: HUCITEC. 2010.

BURKE. Peter. **A escola dos Annales (1929-1989): a revolução Francesa da historiografia/** Peter Burke; Tradução Nelo Odalia.2. ed- SP editora Unesp, 2010.

\_\_\_\_\_. **Cultura Popular na Idade Moderna: Europa 1500-1800/** Peter Burke; Tradução Denise Bottmann. \_ São Paulo: Companhia das letras. 2010.

BRITO, Vandeley de. **A Pedra do Ingá; Itacoatiras na Paraíba/** Vanderley de Brito. 2º ed. João Pessoa; JRC Ed. 2008.

CARLOS, Ana Fani alessandri. **Acidade**, Ana Fani Alessandri Carlos. 8º ed. São Paulo, contexto, 2007 coleção,(repensando a geografia).

\_\_\_\_\_. et al. **“Dilemas Urbanos: Novas abordagens sobre cidades”/**Ana Fani Alexanddri Carlos; Amália Inês Geraiges Lemos, (org),- São Paulo: Contexto. 2003

COSTA, Sérgio Ricardo Araújo. **A Feira de Pocinhos em sua diversidade: Mudanças e Resistências.** Campina Grande. UEPB. 2013

DEL PRIORE, Mary Lucy. **Festa e utopias no Brasil Colônia/** Mary Lucy Del Priore- São Paulo: Brasiliense, 2000. - (O Caminho da Utopia).

ELEUTÉRIO, Aida Maria da Silva, **As Festividades de Nossa Senhora da Piedade de Arara**/ Aida Maria da Silva Eleutério. Campina Grande. EDUECG, 2012.

FERREIRA, Alexandre. **Ingá: Retalhos da história... Resquícios de Memória**/ Alexandre Ferreira- Campina Grande: Cópias & Papéis. 2012.

FAGUNDES, José Evangelista. **A história local e seu lugar na história: História ensinadas em Ceará – Mirim**/ José Evangelista Fagundes. Natal. RN, 2006

FRANÇÔES, Etienne. “**A fecundidade da história oral**”. IN – Ferreira, Marieta de Moraes. Amado. Janaina. (ORG). Usos e Abusos da história oral. Rio de Janeiro. Editora Fundação Getúlio Vargas. 1996.

FUNARI, Pedro Paulo Abreu. **Patrimônio Histórico e cultural**. Pedro Paulo Funari, e Sandra de Cassia Araujo. Pelegrini. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2006.

HALBWACHS, Maurice, **A memória coletiva**. Maurice Halbwachs. Tradução: Laurent Léon Schaffter. Vértice. França. 1968.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural Na Pós-Modernidade**/ Stuart Hall; Tradução Tomaz da Silva, Guaraceira Lopes Louro, 11ª. Ed. Rio de Janeiro. DP&A. 2006.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Tradução Bernardo Leitão. et al. Campinas, SP. UNICAMP, 2003. P. 571.

LE MOS, Carlos. A. C. **O que é Patrimônio Histórico**/ Carlos A.C. Lemos. São Paulo: 4ª ed. Brasiliense. (Coleção Primeiros Passos). 1985.

LIMA. Elizabeth Christina de Andrade, “**A Fábrica dos Sonhos: A Invenção da Festa Junina no Espaço Urbano**”. Elizabeth Christina de Andrade Lima. 2º ed. Campina Grande. EDUFCEG, 2008

MEIHY, José Carlos Sebe bom. **Historia Oral: como fazer como pensar/** José Carlos. Sebe Bom Meihy, Fabiola Holanda. - São Paulo: Contexto 2007.

MONTEIRO, Joselma do Nascimento Lima. “**Velhos Tempos, Velhos Dias: Era do Glamour no Clube União Cultural Ingaense.**” 2005.

PESAVENTO. Sandra Jatahy. **História e História Cultural/** Sandra Jatahy Pesavento. 2º ed. Belo Horizonte: Autêntica 2008.

ROSA. Helena. **História Oral e Micro História: aproximações, limites e proximidade,** 2007.

SILVA, Tomaz Tadeu da, et al. **Identidades e Diferenças: A perspectiva dos Estudos Culturais.** Trad. Tomaz Tadeu da Silva (org.). 12ª. Ed. Petrópolis. RJ. Vozes, 2012.

SOUZA, Fernanda Farias. **Nas tessituras da Memória, trajetos da cultura e da historia: Festa de Reis em Cabaceiras (1930-1960).** Campina Grande. UEPB. 2011

SANTOS. Carolina Bertassoni dos. **As festas Religiosas e a demarcação do Tempo na Roma Antiga.** In. Santos, Carolina Bertassoni dos. Revista Alétheia de Estudos sobre Antiguidade e Medievo. UFF. 2010

VAINFAS: Ronaldo. **Os protagonistas anônimos da História.** São Paulo. Campus. 2002.

SITES.

<http://www.ingacidadão.com.br>

<http://www.festassaturnaliae.com.br>

COLABORADORES:

ENTREVISTADA.

OLIVEIRA. Leozita Valeriano de. Professora aposentada,

IDADE: 69 anos, moradora da cidade do Ingá. (Frequentadora da Festa)

ENTREVISTA CEDIDA: Marciane Silva Ambrósio Benício

ANO: 2014.

ENTREVISTADA.

VASCONCELOS. Fatima de Lurdes Cabral de,

IDADE:55 moradora da cidade do Ingá. (Frequentadora da Festa)

ENTREVISTA CEDIDA: Marciane Silva Ambrósio Benício

ANO: 2014.

ENTREVISTADA.

RODRIGUES. Maria de Lurdes Ribeiro, Professora aposentada.

IDADE: 69 anos, moradora da cidade do Ingá. (Viúva de um dos sócios do Clube a União Cultura

ENTREVISTA CEDIDA: Marciane Silva Ambrósio Benício

ANO: 2014.1 Ingaense)

ENTREVISTADO.

**SILVA. Antonio Santiago da**, Professor,

IDADE: 60 anos, morador da cidade do Ingá. (Frequentador das primeiras fest

ENTREVISTA CEDIDA: Marciane Silva Ambrósio Benício

ANO: 2014.

ENTREVISTADO.

**SILVA. Edilson Pereira da**.

IDADE: 51 anos, (Sócio atual do Clube Industrial Esporte Clube).

ENTREVISTA CEDIDA: Marciane Silva Ambrósio Benício

ANO: 2014.

**APÊNDICE:**

Eu Marciane Silva Ambrosio Benício estou na presença do senhor (a), no dia 15/08/2014. Para fazer uma entrevista referente ao projeto de monografia intitulada “Caminhos da história nos rastros da memória: Cultura e identidade na Festa das Rosas de Ingá”.

NOME COMPLETO:

IDADE:

ENDEREÇO:

1º Desde quando o senhor (a) mora na cidade do Ingá?

2- O senhor (a) conhece ou já ouviu falar da festa das Rosas na cidade do Ingá?

3- Conhece através das lembranças de família ou ouviu contar?

4- O senhor (a) participou da festa? Em que período?

5- Como a cidade ficava naquele período, O senhor (a) se lembra?

6- Quais eram os espaços de lazer na cidade do Ingá no período em que se iniciaram as primeiras festas?

7-Havia algum sentimento em comum entre os participantes da festa?

8- E individualmente o sentimento em participar da Festa? Era um orgulho, uma honra ou era como outra qualquer?

9- Como se comportavam as mulheres. Antes, durante e depois do evento?

10-Como a mulher era vista nesta festividade?

11- Que tipo de lugar ela ocupava durante o evento?

12- Que tipos de músicas eram tocadas durante a Festa?

13- Havia algum tipo de celebração religiosa antes, durante ou depois do evento?

14- Com relação a Festa atualmente, como ela é vista pela a sociedade Ingaense que frequentou a Festa no clube A União Cultural? Ela é diferente das que ocorre hoje no Industrial Esporte Clube? Por quê?

15- E hoje o senhor (a) acha que existe alguma relação entre a Festa das Rosas antes (em sua fundação em 1969) com a realizada nos dias atuais?

16- Hoje como as mulheres são vista pela a população?

17- Enquanto frequentador o senhor (a) se identifica com a Festa realizada nos dias atuais?

18- E com a realizada antigamente?

19- A Festa atualmente atrai turista para cidade?

20- O Senhor (a) classifica a festa como um evento turismo ou cultural? Por quê?

21- De que forma, as pessoas poderiam preservar a Festas como um evento cultural?